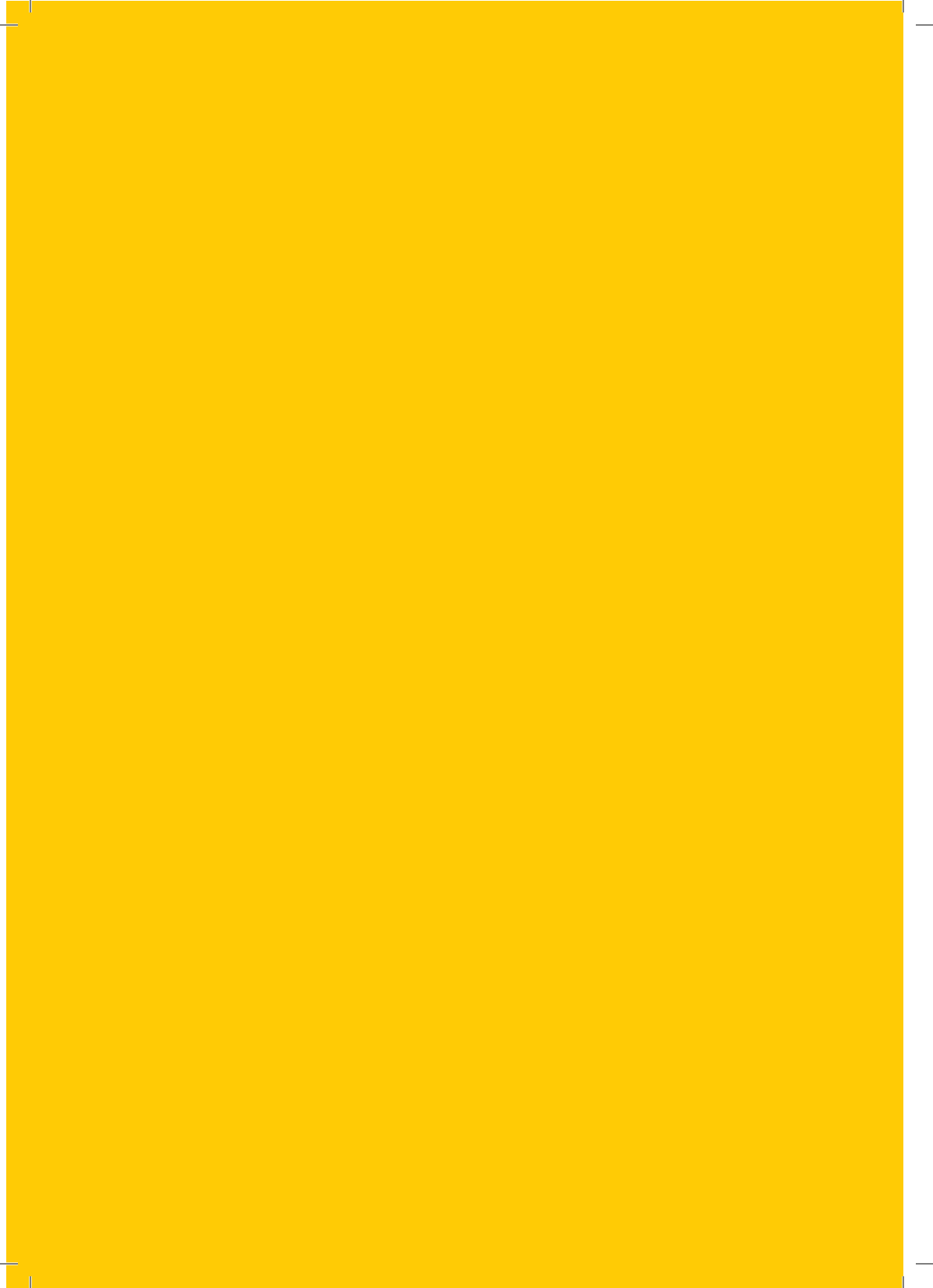





Passarada: coletânea de
contos do primeiro concurso
literário Avistar

Passarada





Passarada: coletânea de
contos do primeiro concurso
literário Avistar

Erika Hingst-Zaher
Guto Carvalho
(Organizadores)

São Paulo
Observatório de Aves
Instituto Butantan
2017

Passarada

Catálogo na publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Butantan

Passarada: coletânea de contos do primeiro concurso Avistar de Literatura/ Erika Hingst-Zaher, Guto Carvalho (organizadores). -- São Paulo: Observatório de Aves: Instituto Butantan, 2017.

65 p.

ISBN 978-85-65411-11-0

1. Coletânea. 2. Contos. 3. Literatura Brasileira. 4. Aves. I. Hingst-Zaher, Erika. II. Carvalho, Guto. II. Observatório de Aves. Instituto Butantan. III. Título

CDD – B869.35.598



Sumário

Apresentação Comissão organizadora	07
A última gralha-azul do mundo Artur Oliari Lira	08
Arara-vermelha-grande Luciana Leite	14
Curió e pintassilgo José Flavio de Freitas	20
Gralhas nos campos de trigo Roberto Márcio Pimenta	26
No sítio Sonia Regina Rocha Rodrigues	32
De quem era o bercinho em camalote no rio Paraguai? Maristela Benites	40
O cuco Cynthia Mazzi	46
O menino voador Elismar Santos	58
O pardal Daguito Rodrigues	64
Como surgiu o vermelho das aves Fernando C. Straube	70



Apresentação

Fotografar aves é difícil. Implica em ter um bom equipamento, estar no lugar certo, na hora certa, contar com a boa vontade da ave, e com a sorte. Muita sorte. Depois, mexer no computador, realçar cores, corrigir aberrações, fazer cortes, realçar a composição, aumentar a nitidez.

Escrever sobre aves é mais difícil. O único equipamento que temos é nossa linguagem, que precisa resgatar a memória, fugir do clichê, moldar as palavras de modo que traduzam cores, nitidez, movimento e emoção. Não, não é nada fácil. Nenhum computador ou lente restaura palavras danificadas. Estamos acostumados a ouvir as aves. A vê-las. Porém, na verdade, talvez tenhamos pouco hábito em ler a respeito delas. Para isso, é preciso solidão, silêncio e tempo, matérias hoje muito raras na nossa vida corrida.

Os textos desta antologia resgatam essa dívida que temos para com as aves. No silêncio, solidão e tempo de sua leitura, gralhas voam, descortinamos paisagens, há humor, há uma certa melancolia, ouvimos nas palavras dos autores os cantos, a liberdade, o voo, a cor e a largueza das matas. Ecoam nos textos vozes de passarinhos, de Leminski, de Guimarães Rosa, vozes inéditas e vozes que relem outras vozes.

É possível que uma parte dessa nossa dívida textual com as aves esteja saldada. Outros textos virão, a partir destes. Enquanto isso, aproveitemos as histórias de curios, pintassilgos, araras, pardais e gralhas. Boa leitura!





1

A última gralha-azul do mundo

Artur Oliari Lira

E nasceu gralha. Gralha convicta, gralha de linha traçada. De linha entendida, planava perto da linha do trem que corta o bairro Cabral em Curitiba. Em pleno céu azul, sem dúvida um azul mais claro que o azul das suas penas. Esse mesmo azul que era o azul do mar, aquele mesmo que ela nunca chegara a visitar.

Quando planou para se alimentar, já não havia tanto pinhão. Pois é, e também não havia tanta companhia como outrora – em Curitiba, capital do Paraná, pinhão não tinha para a gralha-azul se alimentar. Esperava então o trem dos farelos passar. Era a comida certa que tinha e não haveria de faltar, mas demorou, demorou, e dessa vez não tornou a passar.

No entanto, a gralha-azul conversou com um quero-quero que vinha do Couto Pereira, estádio do Coritiba, um dos grandes times da cidade. Ele disse à gralha que havia um bondoso pipoqueiro perto de uma igreja que honrava a própria santíssima trindade. A gralha não era pomba, mas aceitou o convite do quero-quero, dada a sua situação de calamidade.

Viajaram juntos sem brigar, o quero-quero buscava ao seu ninho retornar e a gralha um pouco de companhia e um milho salutar. O pipoqueiro jogou restos de milho torrado no chão; ambas as aves se alimentaram e conheceram um tremendo pessoal. Mas só havia uma gralha que se alimentava do que adviera do milharal.



Do Alto da XV, despediu-se do pipoqueiro e dos amigos que fez. Nenhum a seguiu quando foi ao norte sobrevoar os outros bairros. Passou por cima de alguns restaurantes árabes e enfim foi chegando numa mata densa no Santa Cândida. Repousou naquele dia de céu cinza e tempo frio em uma araucária que emanava uma energia grandiosa. Viu também alguns humanos passarem com capacetes e cavalos.

Observou no meio daquele verde da mata, que era um verde sem tanta vida, um pouco do cinza da vida. Da solidão sistêmica, do piado que não saía. Então, cantou só, cantou daquela solidão que nada tinha a ver com o seu azul.

Uma menina morena de bochechas rosadas olhou o pássaro. Disse que era bonito.

– Olha só o passarinho azul, mamãe! – apontou.

A gralha se escondeu de vergonha. Não era muito de interagir com humanos. Foi voar pra muito longe, mas quando batia as asas viu a menina sorrir e a sua mãe também. A gralha então atravessou uma copa de árvore, revoou no céu cimento e planou por um monte de verde que não significava nada.

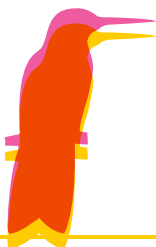
Para cada movimento sinuoso do seu deleite, ela se lembrava de um momento de solidão. Rumou então para o bairro Abranches e foi vendo algumas capivaras pelo parque do São Lorenzo. Elas, impassíveis de tudo, não observavam a gralha-azul que revoava pelos quatro cantos do céu. Chegou perto da água e foi bebericando em um rasante esplêndido.

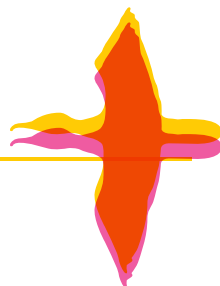
Olhou pra cada ser daquele lugar e todos os animais a olharam de volta. Era a última gralha viva. Tão rara na cidade das galhas, no estado das galhas azuis, do pinhão e de tanta história. Naquele lugar agora, eram mais comuns morcegos perambulando pelos prédios do que galhas comendo pinhões.

Não teve paciência para toda aquela atenção, achou uma boa árvore e dormiu por lá esperando não ser vista.

Acordou algum tempo depois, tempo suficiente para ver o pôr do sol. A paisagem cinza transformou-se num vermelho arroxeadado repleto de nuvens translúcidas. Olhou cada retrato passar, uma fotografia que devia muito apreciar em sua passagem pela Terra.

Viu dois morcegos se preparando para alçar voo. Voou junto e enquanto subia viu uma bola de fogo ao seu lado aquecendo e iluminando o seu caminho. Viu também um índio adormecido em cima das nuvens. Lá embaixo, viu um tufão se formando por um moleque negro de capuz





vermelho. Ao seu lado, surgiu um homem só de sunga pedalando em uma bicicleta voadora.

No entanto, o que ecoava na sua cabeça eram as singelas palavras de um homem que um dia ela conhecera. "Haja hoje para tanto ontem", era o que ela havia escutado do Paulo, o Paulo Leminski, quando o vira observando a Ópera de Arame. Então, no meio daquele turbilhão de emoções e lendas vivas e não vivas, a gralha resolveu mergulhar novamente no escuro.

Foi descendo, já estava no Centro. Foi dando um mergulho pela rua XV. Para ela, era a mais bela rua de Curitiba. Um casal conversava na praça Osório e os ambulantes desmontavam algumas barracas. As duas garotas que constituíam o casal se olhavam. Uma lembrava muito uma tailandesa e beijava o pescoço da outra que era loira e se fosse para chutar, diria que era uma descendente de ucranianos. Ambas agora se beijavam embaixo da gralha, que sorriu sem abrir a boca. Alguns sabiás começaram a cantar.

Adormeceu.

Acordou de madrugada. Rumou até o bairro Batel. Foi voando pegando as saídas da balada da região nobre da cidade. Enquanto ela planava na Vicente Machado, via os jovens saírem do James Bar. O pessoal estava animado pra quem saía naquele horário.

– Você viu? Ele queria ficar com você, Bárbara. Até ofereceu a bicicleta para você ir embora – disse uma garota com um vestido preto que terminava no começo da coxa.

– Haha! Nunca que eu iria para casa com ele, amiga. Eu te disse que dormiria na sua casa, não é, Joanna?

Uma terceira garota assentiu com a cabeça.

Alguns táxis saíam da região, dois homens discutiam na frente do Sláinte e o segurança estava pronto para separá-los. A gralha então viu uma fonte na praça da

Espanha e resolveu bebericar um pouco de água. Bebeu, bebeu, refletiu e sentiu que era a hora.

Subiu aos céus cantando o seu último canto naquele nascer do sol. Aliás, o sol nascia forte às suas costas. A galha ouviu um chamado de Tupã e foi subindo. O deus conversava com Leminski em uma nuvem escura enquanto jogavam uma partida de xadrez num tabuleiro branco e roxo. A galha então pousou no ombro do escritor e de lá demorou para sair.

Foi então que o Saci foi subindo como um furacão e começou a recitar uma poesia do escritor curitibano com a sua voz engraçadinha.

No fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto...

A galha então piou mais umas duas vezes, fechou o olho e teve a grande sensação de sentir a sua solidão morrer.

* * *

Artur Oliari Lira, curitibano, canceriano com ascendente em áries, filho de pai paraense e mãe catarinense, 23 anos, jornalista pela Universidade Federal do Paraná, técnico em eletrônica pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, fã de Haruki Murakami, exímio leitor de mangás e fã de esportes. Artur Lira tem uma relação espiritual com as aves e também com o vento principalmente no que se refere à liberdade e à fluidez que as aves simbolizam. O que também é notável é a recorrência com a qual Lira escreve sobre assuntos urbanos. Em sua história chamada "A última galha-azul do mundo", o autor conta de maneira extremamente literária a história de uma galha-azul que viaja por diversos bairros de Curitiba enfrentando situações corriqueiras, mas que inspiram pensamentos profundos e surreais na ave azul. A cada pouso e a cada voo, a galha interage um pouco com a natureza residente na cidade e entende um tanto mais da vida humana vivenciando a solidão de ser a última galha-azul a habitar o mundo.







2

Arara-vermelha-grande

Luciana Leite

Eu nunca imaginei que pedalar com um balão de hélio amarrado ao fundo da bicicleta fosse tão difícil. Obviamente que a carga em si não era pesada, mas o barulho do papel metalizado lutando contra o vento forte era quase insuportável. Chovia em Cambridge, e as gotas de chuva se acumulavam nas lentes dos meus óculos de grau. Somava-se à visão embaçada o frio e um nervosismo de doer os ossos, mas ao mesmo tempo havia em mim uma mistura delicada de orgulho e vergonha, que eu sentia ao desfilarem em um cenário tão pitoresco de maneira tão deselegante. O sorriso ia estampado no rosto, pois há no desconforto algo de muito especial; e é quase relaxante a ansiedade provocada pela sensação de não pertencimento.

E, entre pedaladas e filosofias, eu me equilibrava. Com uma mão, guiava a bicicleta e, com a outra, tentava segurar a arara inflável, de voo descontrolado. No final de tarde de tráfego intenso, entre buzinas impacientes e olhares dúbios eu ainda me questionava se aquela tinha sido uma boa ideia. Estufada, ela tinha aproximadamente um metro, e era uma cópia fiel de uma arara-vermelha-grande.

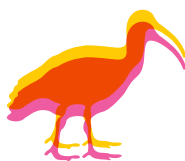


A arara-vermelha-grande é um dos maiores psitacídeos do Brasil, atingindo cerca de 90 cm de comprimento. São animais extremamente sociáveis (como é a maioria das espécies dessa família) e são comumente avistadas em pares ou bandos. O nome científico *Ara chloropterus* é uma mistura rara do tupi, no qual *Ara* quer dizer papagaio, com o grego *chloro* + *pterus*, que quer dizer asa amarela ou asa verde. A espécie não apresenta dimorfismo sexual, e ambos, machos e fêmeas, possuem apresentam coloração deslumbrante. São animais monogâmicos, e os casais, uma vez estabelecidos, ficam juntos por toda a vida. A arara-vermelha-grande está entre os animais mais emblemáticos do Brasil, ocorrendo em quase todo o território nacional. Essas aves podem ser encontradas também na Colômbia, no Panamá, na Venezuela, na Bolívia e na Argentina, e, apesar da ampla distribuição, são ameaçadas pelo tráfico ilegal de aves e pela perda de habitat.

Até então, eu nada sabia sobre araras, ou, para ser sincera, sobre qualquer outra ave; mas ele era ornitólogo, e o meu coração me dizia que não havia surpresa de aniversário mais adequada. Afinal, eu sempre tive esta tendência incontrolável de alimentar as paixões alheias. Além do mais, um balão inflável de uma arara-vermelha-grande à venda em uma loja de Cambridge em pleno inverno britânico era um achado! Aquele exemplar raro não haveria de murchar sem ser comprado!

O balão ia amarrado a uma caixa de presente onde dentro se encontrava o principal presente: um pequeno Guia de Identificação de Aves de Oregon. Sim! Era uma verdadeira overdose de aves. O guia, eu comprei na internet, imediatamente seduzida pela sua praticidade: as aves eram separadas por cores em uma sistemática capaz de enlouquecer qualquer ornitólogo. Mas a funcionalidade do guia pouco importava, porque o presente era na verdade um disfarce. O guia era um convite para que atravessasse o Atlântico comigo e me acompanhasse na minha próxima aventura. Afinal, os dias na Inglaterra já estavam contados, e o próximo pouso era o doutorado, na costa oeste dos Estados Unidos.

Veja bem, eu já nasci de malas prontas. Cresci ouvindo sobre as tantas vezes que arruinei os passeios e as viagens em família, diante das horas em que passei desaparecida. E com a liberdade que a idade nos traz, as coisas só pioraram — porque, à medida que me tornava mais independente, a vontade de sumir crescia. As viagens se tornaram mais longas, e aos poucos as horas viraram dias, os dias viraram meses, os meses viraram anos. Eu virei cigana, transeunte, viandante. Fui chamada de "egoísta" por uns e de "desapegada" por outros. Até que o que era ofensa virou elogio, e o pé na estrada já não doía. E, depois de muito tempo, a minha família compreendeu e fui finalmente diagnosticada: "ela sofre de ecdemomania."



Pois, migratória como sou, eu já estava acostumada com amores terminados, corações partidos, chegadas. Em cada cidade, um namorado, e a cada mudança eu deixava pra trás mais um pedaço. Só que desta vez havia de ser diferente: porque o sonho que me movia ele também sonhava. E quando o sonho é compartilhado, meus amigos, o amor não é apenas um pedaço, ele é a nossa metade.

Mas o presente era tão espalhafatoso que me faltava coragem de entregá-lo pessoalmente. E se ele não gostasse? Se achasse a surpresa infantil ou exagerada? Ah... namoro novo é um eterno tatear no escuro... E, honestamente, depois de tanta chuva e dedicação eu não suportaria perceber o mínimo sinal de reprovação. Além disso, eu sabia da imensidão cultural que nos separava. De um lado, a Bahia, cheia de cores, espontaneidade, gingado; do outro, a Inglaterra, com toda a sua discrição, cerimônia, formalidade. Então, às sete da manhã do dia seguinte eu estava em frente ao prédio de zoologia da universidade, no intuito de depositar a arara (junto com todas as aves de Oregon) em frente ao escritório do aniversariante antes que ele chegasse. Obviamente, o acesso ao prédio só é permitido para pessoas autorizadas, e foi preciso contar com a boa vontade de outros professores e pesquisadores que, entre olhares curiosos e risadas es-can-ca-ra-das, me conduziram até o quinto andar. E o presente foi entregue, e a saída foi de emergência, ainda que pela porta da frente.



Até hoje não sei qual foi a sua reação diante da surpresa. Nunca soube se naquele dia o então namorado me amou um pouco menos ou um pouco mais. A única certeza é que a insegurança, assim como a arara inflável, não durou muito. Porque naquele mesmo ano o guia colorido de observação de aves atravessou o oceano e se mudou pra Oregon, junto com o meu ornitólogo. E este amor, abençoado pela Arara-vermelha-grande, já virou casamento, e transformou sonhos em ninho. E eu, que nada sabia sobre aves, vou aos poucos conhecendo um mundo novo de cores, sons e magia. Hoje em dia, passarinho virou verbo, conjugado principalmente



aos finais de semana. No nosso quintal, os passarinhos agora têm nome e sobrenome, e todas as noites os nossos binóculos dormem juntos, entrelaçados atrás da porta.

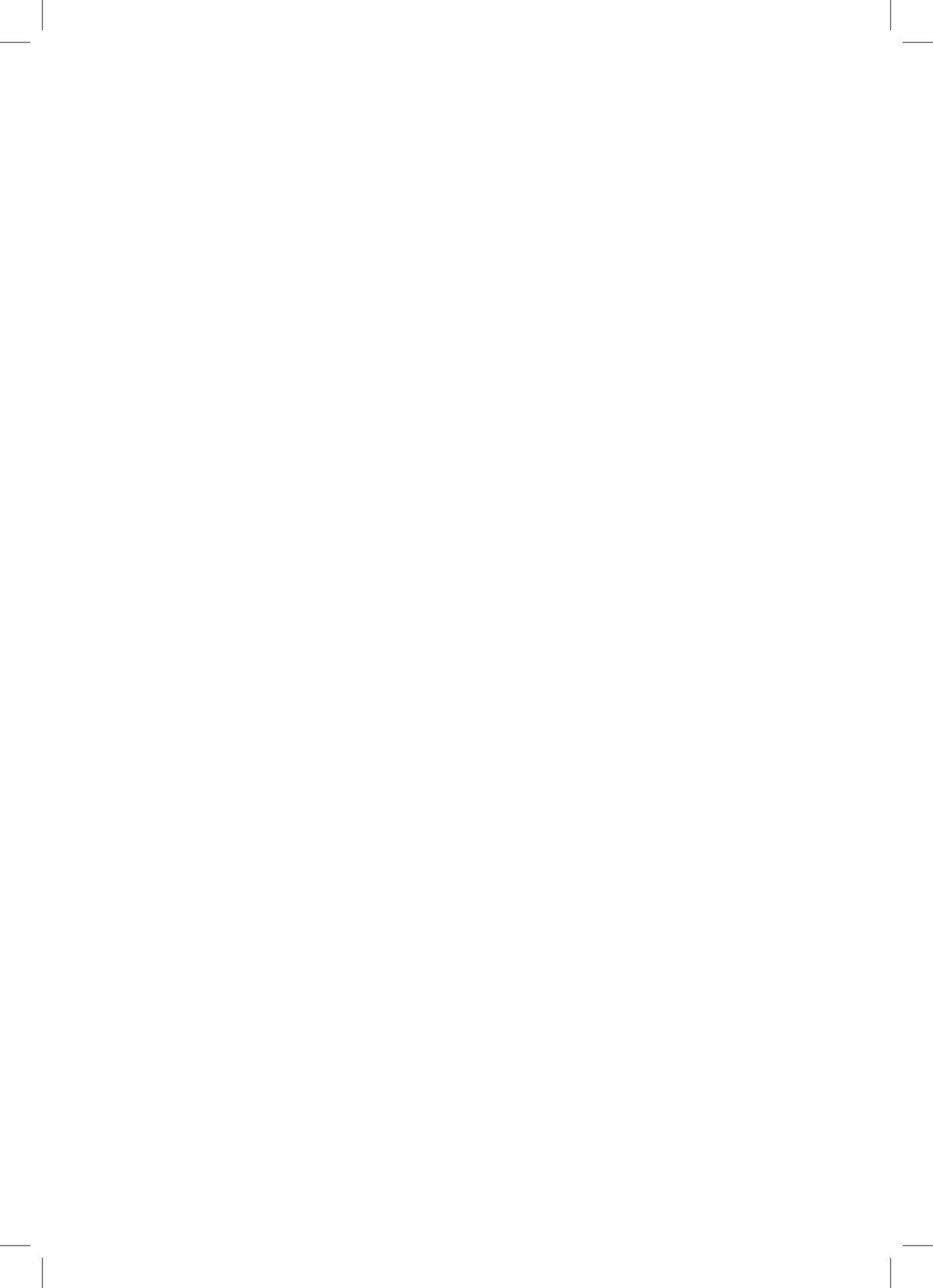
* * *

"Apesar de ser formada em Biologia, até pouco tempo atrás eu nada sabia sobre aves. O interesse e o hábito de passarinhar surgiram recentemente, junto com o marido ornitólogo e um projeto de mestrado na BirdLife International. Confesso que no início, por estar cercada de ornitólogos superexperientes, a ideia de passarinhar me assustava. Tinha (tenho!) muita dificuldade de identificar as espécies que via e ouvia, e por medo de minha própria ignorância, hesitava em me aventurar na ornitologia. Mas aos poucos fui descobrindo meu próprio passarinhar.

"Há certamente algo de sublime em sair com o propósito de descobrir e observar a vida ao nosso redor. Acelerada como sou, entendi que passarinhar me acalma e me ajuda a me reconectar com a natureza. Nesse cenário, na tentativa de eternizar os momentos vividos junto dos binóculos, passei a escrever crônicas sobre minhas aventuras no mundo das aves e percebi que cada espécie trazia consigo uma história. Não apenas sua história natural, mas também a história de nosso encontro. Enquanto me aventuro pelo mundo, entendo, por intermédio da aves, um pouco mais sobre biogeografia, sobre biodiversidade e sobretudo sobre mim. Da arara-vermelha inflável no início de namoro ao açor no Alasca durante a lua-de-mel: as aves vieram pra ficar. Elas agora fazem parte, não apenas de minha história de amor, mas também de minha história de vida."

* * *

Luciana é bióloga formada pela Universidade Federal da Bahia e mestra em Conservação pela Cambridge University. Atualmente, é doutoranda pelo departamento de Ecossistemas Florestais e Sociedade, na Oregon State University. Há quase cinco anos fora do país, não vê a hora de voltar para o Brasil.





3

Curió e pintassilgo

José Flavio de Freitas

Tem coisa acontecida na vida que pula no terreno do espantoso e vai morar na casa do enigmático. É só cada um pensar um tiquinho nas experiências que a vida tratou de botar no seu caminho pra ver que encontra caso de comprovação. Olha o acontecido na cidade de Manacá da Serra.

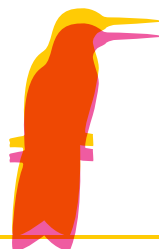
Galino Raposo tinha mania de pular cerca. Eu falo “pular cerca” no sentido literal, porque Galino era homem casado de exemplar fidelidade conjugal. Homem de se confiar. Quer dizer, só no trato com a mulher e os filhos. Pra vizinhança, que não desconfiava de nada, o infeliz dava prejuízo pulando cerca. Mas tudo tem seu lado bom, por isso, por consequência dessa doidice, o bucho da mulher, dos três guris e do próprio tavam sempre cheios.

Como nem todo mundo carrega a lâmpada do entendimento acesa e, no que eu assunto de modo complicado, vou esclarecer. Galino Raposo era ladrão de galinha.

O nome da pessoa, às vezes, contraria o portador. Conheci um cabra, batizado na igreja e registrado em cartório, de nome Hércules Gigante dos Prazeres. Na vida real, na vida pra valer, o sujeito era chamado de Toco de Amarrar Jegue, em razão do porte raquítico e diminuto. Pra alguns íntimos, era o Toquinho. Mas, no caso do Galino Raposo, o nome caiu certo. Justo feito roupa de toureiro. E repito: Galino Raposo era ladrão de galinha. E dos bons.

Magrinho, quase invisível, o esperto deixava a treva baixar pra ir correr casa de vizinho e visitar galinheiro. Pela prática, o maloqueiro chegava tão sorrateiro que as penas nem cacarejavam quando apanhadas, daí a dificuldade de se gadunhar o raposa, ou o Raposo. Na passagem, carregava os ovos recém-cuspidos pelas cloacas galináceas. Se a casa tivesse horta, vixe!, era sopa no mel. A feira tava completada com alface, pepino, tomate, e leguminosas variadas.

Outros acompanhamentos necessários da refeição eram conseguidos graças às artes remendeiras da Cosma, a mulher,





boa de agulha e dedal pras comadres endinheiradas. Mas isso é casca de história. O bom tá no miolo. Escuta só.

Numa madrugada, Galino saiu de casa na maciote, como sempre, não querendo acordar os filhos e dar mau exemplo. Nessa noite, o enganoso viu estremecer suas certezas. Ia andando pelos cantos quando, sem motivo, olhou pra cima. E viu a lua de prata. Sentou na pedra no meio do caminho, pescoço torto:

"Ô lua bonita!"

E mirou o céu de estrelas:

"Eta mundão!"

E deu de matutar:

"Pelo passear da lua, deve beirar duas da manhã."

Respirou fundamente:

"Num tem coisa melhor de sensação do que cheirinho de jasmim e brisa da madrugada batendo no rosto. Só Deus pra mandar tanta coisa boa prum cabra tão miúdo de pensamento e ruim da moléstia feito eu."

Galino devia ter ficado só no embalo das coisas pequeninas, que são os encantos da vida. Mas não. Afundando na filosofia, o homem foi até o fundo e encontrou a infelicidade:

"O que tô fazendo no mundo? Quem sou eu, pra onde vou, de onde venho? A vida é só isso? Roubar a galinha, comer a galinha e cagar a galinha? É só isso?"

Galino não era homem afeito a grandes matutações, e o tanto pensar lhe doeu a cabeça. Largou de lado e seguiu na tarefa. Já tinha escolhido a cerca. Distavam seis casas.

Do lado de dentro do terreno, rumou direto ao galinheiro. Foi aí que sentiu um troço diferente de que quando olhou a lua e que acabou sem explicação. Dessa vez, o canto do curió, vindo do viveiro de passarinhos do lado do galinheiro, tinha aclaração: o canto era triste de dar pena.

"Ninguém preso canta de alegria. Só idiota pensa diferente."

– Nada se perde no mundo, Galinho.

Minha vó entendia a vida. E aqueles pensamentos do Galino Raposo sobre a razão de viver não se perderam. Ficaram só no banho-maria, esperando hora certa de serem usados. E a hora chegou. Enfeitiçado pelo insistente cantar do curió, menestrel das tantas aves encarceradas, Galino Raposo tomou atitude de homem bom. Abriu a porta do viveiro, jogando na imensidão negra dezenas de asas coloridas e felizes, que ao nascer do sol avivariam as cores e os sons da natureza.

"Aves nasceram pra voar."

No galinheiro, avaliou as penosas. Viu a gorda carijó.

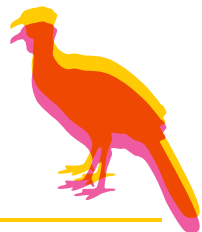
"Hum, é só arrancar as penas dessa aí e jogar na panela."

Aproximou-se. A gorda carijó ficou olhando pro Galino Raposo com o olhar interrogativo próprio das galinhas condenadas ao molho pardo, balançando a cabeça dum lado pro outro como que negando o trágico destino.

"Por que eu não pego logo essa infeliz? Nunca tive frescura."

Dentro dele, o desejo de surrupiar o bem do semelhante tava morto. Tremeu de emoção. Voltou de mãos vazias e coração cheio.

Dia seguinte, Galino procurou o compadre Mafaldo, trabalhador na feira. Precisava de emprego. Virou carregador de caixote e empurrador de carrinho. Mau, por ser trabalho





pesado; bom, por receber uns trocados e ainda acrescentar as xepas de fim de feira ao balaio de comida.

Roubar galinha, nunca mais. Descobrir a vocação, o motivo de viver, a grande missão pra qual Deus o destinara e que ele, burro da gota, não atinara até hoje. Continuar a pular cerca na quietude da noite, disso não abria mão, porque a tal da adrenalina precisava correr nas veias. Mas agora cumpriria ordem divina: dar liberdade a passarinho engaiolado.

A vizinhança viveu rebuliço. Sem faltar dia, toda manhã aparecia gaiola aberta. De passarinho, só a herança do cocô e alguma pena colorida, despencada na ânsia da libertação.

Tico-tico, sabiá-laranjeira, saí-azul, tucano-de-bico-preto, tucano-de-bico-verde, arara, gaturamo, curió, pintassilgo, soldadinho, rouxinol, coleirinho, trinca-ferro, canário-belga, canário-da-terra, periquito, bico-de-veludo, sanhaço, bicudo, tudo voltou pra mata. Pro voo solto. Pro cantar alegre.

Regado por tanta boa ação, o coração de Galino Raposo pegou amor pelas obras voadoras da natureza. Cedinho, acordava e se enfiava na mata, só esperando a riqueza do canto de alvorada do azulão. Nas folgas, sentava encostado no tronco de uma pau-ferro até tardinha pra rir com as imitações do corrupeirão. Não se cansava de observar as cores e a alegria dos libertos. Dava de pensar:

“Como podem aprisionar tanta beleza? O saber essencial do passarinho é ser bonito e cantador. Assim, como o meu é de soltar os bichinhos. Aí, vem um desgraçado, enjaula o coitado e ele fica incapaz de fazer surpresa pra gente com a beleza da aparição e a rapidez do sumiço. Esses malvados mexem com milagre da natureza, que é essa avezinha de pena colorida, que nem artista michelangista é capaz de pintar com tal primor. Coisa linda!”

E, de tanto soltar passarinho, de tanto pensar passarinho, de tanto olhar passarinho, de tanto ouvir passarinho, Galino Raposo deu de cantar. Aprendeu viola e soltava trinados

de encantar ouvido de gente acostumada. Se juntou ao compadre Mafaldo e viraram dupla sertaneja.

Ainda por muito tempo, Galino continuou libertando passarinho. Até chegar o dia de gravar disco. Aí, mudou tudo. Por ver tanto disco vendido, a cidade grande abriu o olho e chamou os dois.

Galino Raposo, homem de se confiar, carregou junto mulher e filhos. E mais o Mafaldo, atendendo agora por Pintassilgo.

Então, Curió e Pintassilgo voaram de Manacá da Serra pro sucesso. A tal da adrenalina passou a vir do dinheiro e da fama.

A missão destinada por Deus pra Galino Raposo, homem de confiar, o Curió, homem de cantar, esqueceu.

Os passarinhos voltaram a cantar triste em Manacá da Serra.

* * *

Carioca, morador do bairro do Maracanã. Escritor, contista, dramaturgo, diretor, ator. Cursou Comunicação Social na PUC-RJ e Português-Literaturas na UERJ.

Como ator e diretor, já participou de aproximadamente 30 espetáculos. Como escritor, escreveu os livros infantis Menino repolho e O rapto das palavras, o juvenil Duda – Era um garoto que amava a vida e coisa e tal e os adultos Magalhães, um teórico do cotidiano e Praça da Solidão.

Participou de concursos de contos, obtendo o primeiro lugar em cinco eventos. Participou de antologias de contos, sendo também premiado. Foi agraciado com o 1.º lugar no Concurso de Dramaturgia V. Maiakovski da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, entre outros prêmios de dramaturgia.





Gralhas nos campos de trigo

Roberto Márcio Pimenta

Vejo-me mateando solito, e, no vapor que sai da cuia, deixo meus pensamentos serem levados para longe.

Longe? Sim, para um tempo que ninguém pôde apagar, lá nos campos de trigo. Lembro-me do meu pai, homem da terra, abrigando árvores, rasgando o chão, semeando o trigo e nos alimentando. Lembro-me da sua pele clara e dos cabelos louros, do seu jeito de ver o mundo em um grão e o céu em uma flor silvestre.

Coloco meus olhos neste passado tão distante e revejo a cena numa fresta:

— As gralhas voltaram! — gritou o meu pai meneando o facão.

Movendo a cabeça em direção à cumeeira, percebi pontos como grãos de mostarda se locomovendo no céu. Eram as aves. Estavam chegando. O pai gritava pelos outros.

Chinocas fachudaças, de peitos de laranja, a china seiuda, a gurizada em desordem, avios de caça e o latir contrastante dos cuscos escandalizavam a tarde. Os homens tomaram posição.

Um tiro chumbeou para cima das galhas. Seguiu-se o matraquear seco das carabinas ecoando, mesclando-se aos gritos da gurizada, dos cães e dos pássaros caindo, manchando de vermelho o chão.

Momentos depois, as aves debandaram.

À noite, churrascada. Duas mantas de carne chamuscadas, fumarentas, ao espeto. O cheiro das carnes sangrentas, malpassadas, impregnava o terreiro da casa quando o pai enrolou um cigarro crioulo e me chamou:

— Filho! Quando lavramos a terra e semeamos, elas não estavam aqui. Agora, na colheita, aparecem. É sempre assim. Os homens também agem dessa maneira.



Dias depois, terminada a colheita, ensacado e armazenado o trigo, o pai descansou. Eu não. Ficava acordado, pensando em alguma coisa ruim que pudesse acontecer.



Um dia, eu o vi acordado à noite aguardando o amanhecer. Faltava muito para clarear. A nova luz ainda deveria percorrer bom tempo sobre coxilhas e repechos, passar sobre arroios que cortavam a noite às cegas, pastos, montes e casarios.

Abancado sobre um cepo, o pai mateava e fumava com gestos precisos. O cusco começou a latir e ele, que era da raça dos que batem, deu-lhe um pontapé nas costelas. O cão saiu ganindo.

Daí a pouco, apareceram os primeiros sinais de vida do dia que estava para chegar. Nascia um sol anêmico-amarelado.

— Há algo errado!... Os quero-queros acordaram mais cedo e estão debandando para o sul em direção ao Uruguai! — disse o pai, olhando o bando no horizonte.

Carecia de alguém que enxergasse melhor e eu me prestava a tal incumbência, pois estava acostumado a ver os olhos dos pássaros entre as ramagens, as formigas preguiçosas e, creiam, diziam "que era capaz de distinguir o piolho da piolha".

Meu pai chamou-me, sem saber que o vigiava por detrás da veneziana.

Saí e subi no seu ombro e, só então, percebi que nos ombros dos pais podemos ver mais longe... E me senti assim: um gigante.

Depois eu disse:

— Pai, são pontos no chão. Vários!
Parecem minúsculos cavalos.

Imediatamente, o pai soou o alarme. Ele sabia que, de longe, um homem num cavalo é um cavalo.

As gralhas voltaram. Outras gralhas, eu imaginei...

Agora, havia algo cruento em cada rosto. Era como o mio-mio, erva tóxica que, quando comida pelo gado e pelos cavalos, os faz morrer completamente inchados e sedentos.

Os homens se espalharam. Alguns, como os gatos, fincaram-se entre as quinchas das casas, atrás dos tabiques, sobre as árvores, além das pedras e nos buracos que lhes serviam de trincheiras. As mulheres e crianças foram colocadas no porão da casa. Quanto a mim, por ser um piaquito magrelo, ossos largos na cara, prometendo um dia recordar meu pai, foi sugerido que ficasse dentro do poço.

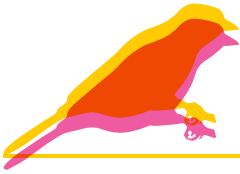
Eu não queria. Desejava ver a vitória do pai. Mas ele não quis. Teimou e mandou. Obedeci. Chorei e fui para o lugar determinado.

O poço? Sim. Tinha um bocal assimétrico, com pedras justapostas encaixadas com dois pilares até o centro de onde partia a entrada para uma pequena galeria, num traçado semelhante às minas de carvão, porém com galeria única de um metro e meio de altura por dois e vinte de comprimento, acomodando, desse modo, uma criança em pé ou um homem de joelhos. Sobre o bocal, uma viga de ferro apoiada em dois madeirames de onde descia, por uma carretilha, a corda e a caçamba. No fundo, havia uma água azulada, salobra, com um frescor constante que se renovava a cada retirada de balde. A bem da verdade, esse poço existia somente como estratégia de esconderijo.

Enquanto descia, ouvia os tiros, os latidos dos cuscos e os gritos. Acomodei-me no cubículo. Daquele lugar frio e úmido, conseguia escutar a voz do meu pai gritando e o imaginava combatendo.

Lembrei-me dele me falando sobre a minha mãe: era a estampa de uma fêmea perfeita. Tinha algo de santa





no olhar e... eram felizes. Um dia, chegou um tropeiro, piscou para mãe e deu-lhe anel de prata. Depois a levou junto com seus animais. E o pai disse que "uma vaca a menos não ia fazer falta"...

Tempos depois, ele recebeu as roupas da mãe com uma carta dizendo que ela caíra no desfiladeiro junto a um animal da tropa. O pai não acreditou e não deu trela. Sabia que um dia o ladrão-tropeiro voltaria para tomar a colheita.

Enquanto pensava, a temperatura caía. Horas depois, o frio e a umidade começaram, aliados ao meu temor, a me provocar hipotermia. Precisava me aquecer. Além disso, o ar rarefeito do poço acelerava meu coração, provocando em mim um estado de embriaguez. A tontura expulsava de mim o homem que eu era. Os cães já não latiam ou eu não os ouvia. Nem tampouco ouvia a voz do meu pai. Os tiros rarearam até sumirem. Escutava somente os pingos da água caindo no fundo do poço, o assóvio do vento na corda.

Minhas têmporas latejavam, sentia um gosto de cobre na boca, um estado febril e muita vontade de sair dali. Mas como?

Lentamente, enrolei a corda ao redor do meu corpo, pisei nas pedras de granito e, com parcimônia nos gestos, economizei cada centímetro da escalada. Aproveitava o movimento do corpo batendo nas pedras para galgar alguns centímetros. Desse modo, nem sei quanto tempo levei para chegar ao topo onde havia a tampa do bocal. Com esforço sobre-humano, consegui sentar-me no bocal, ofegando, pestanejando.

Dei alguns passos, cambaleei, olhei ao redor. O primeiro olhar nada me restituiu. Os únicos seres vivos que vi foram duas minhocas, galinhas ciscando o esterco deixado pelos cavalos, alguns pássaros grudados no azul. Pisquei os olhos, enchi o pulmão de ar e pude ver melhor. À minha frente, moscas varejeiras sobre um corpo. Mais à frente, outro, mais um, dois, três, quinze, vários corpos.

Extenuado, diante da horrível paisagem, procuro
meu pai entre os mortos.

Encontrei-o no paiol com a cabeça esfacelada e o sangue
sobre o trigo. Ao lado, outro cadáver – uma mulher parecida
comigo, vestida de tropeiro. Olhei-a com ternura de filho
ausente, toquei o rosto do pai e deixei o pranto romper...

Retorno ao tempo presente.

No vapor que sai da cuia, deixo meus pensamentos
serem levados para longe...

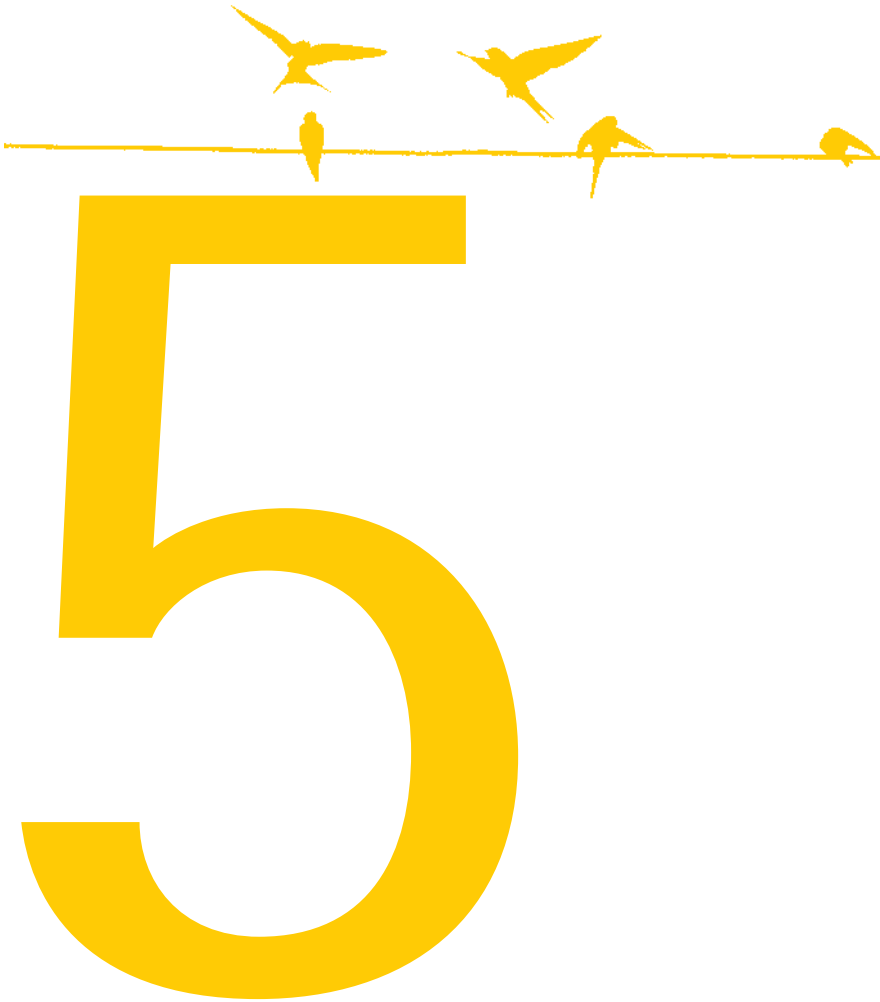
E, num campo de trigo qualquer, as gralhas
continuam atacando.

* * *

Roberto Márcio Pimenta nasceu em Belo Horizonte – Minas Gerais. É formado e pós-graduado em Letras. Exerceu a profissão lecionando em faculdades e cursinhos de Belo Horizonte. É detentor de vários títulos em concursos de contos e tem sua obra espalhada pela internet e por revistas e jornais. Teve atuação destacada em mais de 50 concursos e participação em 37 antologias.

Em Belo Horizonte, trabalhou como revisor de alguns escritores e teve contato com Oswaldo França Júnior, Roberto Drummond, Antônio Fonseca, Padre Teófilo e outros. Atualmente, reside em Jacaraípe-ES, em frente ao mar, de onde tem retirado suas inspirações.





No sítio

Sonia Regina Rocha Rodrigues

Aninha estava na casa da prima Lúcia, em Piranji, a caminho do sítio dos avós. Haviam dormido bem e combinado de sair bem cedinho, pois o sítio era um bocado longe. Ao abrir a porta para observar o dia que raiava, a menina levou um susto. Dois olhos imensos, em um corpo cinzento e miúdo, a encaravam, curiosos, no muro em frente. Aninha já havia visto corujas antes, mas nunca tão pequenas.

A corujinha encolhida no muro piou. Aninha, à porta da casa da prima, admirada, comentou:

– Que pequenina! Que zolhuda!

– Bom dia, corujinha. Nós começamos o dia, você vai descansar.

– Prima Lúcia, você está falando com a coruja?

– Claro, Aninha.

Aninha nada disse. Prima Lúcia contava histórias lindas, era divertida e coisa e tal, mas conversar com corujas...

O sol despontava para as bandas dos laranjais. As duas entraram no carro e seguiram silenciosas pela estrada sinuosa até o sítio dos avós. Pela primeira vez, Aninha vinha para o sítio. A prima dirigia devagar, observando as redondezas. Parou de repente e retirou o carro da estrada.

– Olhe — ela apontou.

Aninha espichou o pescoço na direção sugerida e avistou o pica-pau no alto do poste. Um passarinho curioso, pequeno, de penacho vermelho, peito amarelo, sobrecasaca preta. Claro que não era uma sobrecasaca, mas parecia ser. O pequenino bicava repetidamente o tronco de madeira, certamente em busca de insetos para alimentar-se. Ali na região, ainda havia desses postes antigos, feitos com troncos.

Tac tac tac.



–Você já viu um telegrama, Aninha? –
perguntou a prima Lúcia.

– Telegrama? E-mail? – Aninha retrucou. –
Hoje em dia, a gente fala e-mail, prima.

– Não, Aninha, telegrama mesmo. Eu quero dizer, aquilo que
a gente usava antes de existirem computadores...

– Prima Lúcia, antes de existirem computadores
eu não havia nascido.

A prima não desistia. Ficou explicando o que era código
Morse e como os sons eram transmitidos pelos fios e
decodificados no destino até virarem palavras de novo
e como o pica-pau no alto do poste lembrava os sons
dos telegrafistas. Então, a prima pegou algo no fundo da
bolsa. Um bloquinho de papel e um lápis. Começou, então,
compenetrada, a escrever. Aninha olhou por cima do ombro
dela e leu:

Na estrada deserta

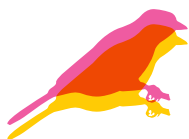
mensagem do pica-pau

no alto do poste.

– Que é isso, prima? O que você está escrevendo aí?

– Um haicai, querida.

O pai de Aninha havia comentado que sua prima Lúcia
era poetisa. Ela escrevia aquele tipo de poema japonês
com apenas três linhas, os menores poemas do mundo.
Aninha ficara curiosa. Agora, ela estava lendo um poema
da prima, um dos menores poemas do mundo. Talvez,
se Aninha pedisse, a prima Lúcia ensinasse a ela como
fazer poemas também.



De repente, um áspero grito rasgou os ares, e um grande
periquito todo verde fez um grande estardalhaço ao pousar

em um pé de fruta ao lado da estrada. Pareciam pitangas, mas Aninha não tinha certeza nem Lúcia.



– Que periquito enorme!

– Tem muitos desses por aqui – sorriu a prima, e escreveu em seu bloquinho:

Tanta gritaria!

Parece haver todo um bando –

maritaca só.

– Outro haicai? – admirou-se Aninha.

– Não posso evitar, eles estão batendo à minha porta, por assim dizer.

Continuaram a viagem. O sol ficou mais forte, a passarada mais barulhenta. Lá no alto de um jacarandá, no meio do pasto, Lúcia notou um falcão.

– São raros, difíceis de se ver – apontou ela. – Gostam de árvores altas, que estão cada vez mais raras por aqui.

De repente, uma revoada de pequenas andorinhas. Centenas delas. A prima parou o carro de novo e saíram as duas para observar. O bando deu várias voltas pelo céu, escurecendo tudo, antes de se organizar aos gritos e seguir para o sul.

– Que sorte a sua, Aninha. É a segunda vez que eu vejo uma migração de andorinhas – comentou a prima. – Não é demais? Demais de bonito, quero dizer.

– Acho que sim – balbuciou a menina, distraída.

– O que foi?

– Olhe ali – Aninha apontou. E, em uma orquídea pequenina de folhinhas douradas, um beija-flor

minúsculo alimentava-se com seu biquinho longo, em volteios rápidos e elegantes.

– Quantos presentes a natureza nos deu essa manhã. Vovó vai gostar de ouvir nossas aventuras de hoje.

– Aventuras? Um bando de andorinhas? Um beija-flor? Um periquito? – Aninha riu. A prima Lúcia pegou da caneta e rabiscou às pressas mais um pequeno poema:

Farfalhar de asas,

céu escuro em pleno dia –

Partida de pássaros.

Aninha suspirou. Esse prometia ser um longo, longo dia.

Chegaram ao sítio dos avós na hora do almoço. O sol estava forte, o pomar estava silencioso.

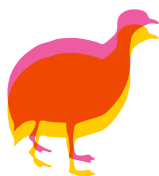
– Aninha, minha netinha, não se engane pelo silêncio de agora, não, que pela manhã a gente não consegue dormir muito, porque a passarada faz uma cantoria linda, eles vêm aqui se alimentar. Eu deixo sempre algumas árvores para os passarinhos, você sabe.

– Como assim, vovó?

– Quando os frutos começam a aparecer, nós protegemos as árvores envolvendo cada fruto em um saquinho apropriado, para evitar que os passarinhos biquem e estraguem a fruta. Aqui no meu sítio, para cada árvore nossa, tem uma outra árvore para os passarinhos, muita fruta para eles, muita alegria para nós. Você vai ouvir que linda a sinfonia dos pássaros.

Aninha sorriu.

– Você também faz poesia, vovó? Como a prima?



– Às vezes – confessou a avó. – A gente fica meio que sem defesa no meio de tanta beleza. É ser poeta ou ser pintora, a arte pede para sair de alguma maneira, querida.

– É bonito, concordo.

– Não vai entrar, Aninha? Vamos almoçar – chamou a avó.

Aninha sentou-se. Ficou olhando longo tempo pela janela da copa.

– Você acha que vai se acostumar por aqui? – perguntou a avó. – Um mês passa logo se estamos felizes, mas se estamos entediados um mês pode ser incrivelmente longo.

– Sabe o que eu gostaria de fazer? Subir em árvores.

A avó exclamou:

– Árvore é o que não falta aqui no sítio.

– Eu trouxe o meu caderno de desenhos. Vou desenhar todos os passarinhos do sítio. As corujas, os pica-paus, os periquitos, todos eles.

A prima Lúcia e a avó ficaram muito contentes com a visita da prima Aninha. A menina não se mostrou nem um pouquinho entediada em nenhum momento. Apesar de não haver sinal digital no sítio, ela não reclamou de ficar sem seu mundinho virtual. Havia muito o que ver, ouvir e partilhar com a avó e a prima.

A avó, então, ficou encantada com a visita. Aquele foi um verão perfeito. O mundo é sempre mais bonito e alegre na companhia dos passarinhos e das crianças.

* * *



Sonia Regina Rocha Rodrigues é escritora e médica especializada em Pediatria e Medicina do Trabalho. Idealizou o jornal Um Dedo de Prosa e foi coeditora da revista literária Chapéu-de-Sol, que circulou em Santos/SP de 1996 a 2001, com as escritoras Madô Martins, Neiva Pavesi e Mahelen Madureira. É autora dos livros de contos Dias de verão (1998), É suave a noite (2014), Coisas de médicos, poetas, doidos e afins (2014) e um de programação neurolinguística O que você diz a seu filho? (1999). Em 1996, participou da fase regional do Mapa Cultural Paulista com o conto "A Auditoria", representando a cidade de Bebedouro. Sua monografia A Importância da Cultura Para a Formação do Cidadão foi utilizada em prova do Enem em 2011. É membro do Grupo de Haicai Caminho das Águas e da União Brasileira de Trovadores – Seção Santos.

Publica regularmente em vários sites da internet, inclusive no portal Blocos Online.

<http://soniareginarocharodrigues.blogspot.com.br/>

<https://www.facebook.com/soniareginarocharodrigues/?ref=bookmarks>







6

De quem era o bercinho em camalote no rio Paraguai?

Maristela Benites

Rios, em geral, são sempre cheios de surpresa. Eles sustentam muita vida. No rio Paraguai, peixes, aves, jacarés, capivaras, iguanas, veados, serpentes e até a majestosa onça-pintada podem ser vistos passeando por essas águas. Rios representam vida. Significam caminhos. Caminhos de água. Caminhos para se chegar em casa, ao lar.

Outro dia, observando o rio Paraguai notei que um bercinho acompanhava o movimento das águas e mansamente era levado pela correnteza. Cestinho no rio? Isso me lembrou outra história! Um certo príncipe também foi deixado num cesto e cuidadosamente colocado no rio à sua própria sorte. Lá dentro, a criancinha estava segura, aquecida, e o aconchego trazia bastante conforto. A viagem não durou muito, pois logo o cesto foi resgatado e uma linda criança cresceu e se desenvolveu junto da família.

Mas, e esse cestinho, na verdade um amontoado de gravetos entrelaçados, de formato quase esférico e com uma "chaminé" lateral, de quem poderia ser? O que esse ninho guardava em seu interior? Visto de longe, ele media mais ou menos uns 40 cm ou cerca de duas mãos humanas adultas abertas. O mar de Xaraés era responsável por transportar com segurança o ser que lá estava.

E a aventura começou!

Era período das chuvas, quando o rio Paraguai começa a ganhar tanta água e a ficar tão abastecido que dali a alguns dias a água vai passar do barranco e se derramar pra todo lado. No Pantanal, essa época do ano é conhecida como o início das enchentes, vindo em seguida a cheia, quando campos, vazantes, corixos e baías transbordam água e vida, e vida em água. A paisagem toda se transforma. O que era seco há poucos dias dá lugar a espelhos d'água, às vezes inimagináveis de tão fartos de beleza. Corredeiras se formam e o fundo aquático pode ser tão cristalino que é possível enxergar plantas submersas em movimento dançante, resistindo à força da água. Cores, odores, sons e texturas, tudo se renova com a chegada da cheia.



E agora, como aquele ninho poderia se salvar sem ser atingido pelas águas? Mas na natureza tudo se encaixa, tudo o que é natural se ajusta, não carece tanta preocupação. Poucas vezes precisamos dar uma mãozinha para ela. Nesse caso, resolvi acompanhar de longe o percurso daquele bercinho.



Tudo silêncio, apenas sons de quero-quero, umas duas andorinhas-do-campo que brincavam e flautavam em voo e o casal de marrecas asa-branca que me olhava com desconfiança. Ah! E era período de muita borboleta. Acho que ainda não havia presenciado tanta borboleta junta no Pantanal brasileiro. Era uma festa. Elas dançavam sobre as águas, sobre o capim e outras ervas floridas. Cada uma na sua linha borboleteante de voo. Todas permanecem unidas, voam em conjunto, pousam e viajam juntas. Pareciam fazer pirraça ao quero-quero, pousando no seu vaidoso penacho e sobre o bico. Mal dava tempo de ele se irritar, e as borboletas já saíam para pousar em outro lugar.

Me disseram que essas borboletas cinzas, marrons, amarelas, brancas e de cores sortidas atravessam a fronteira do Brasil e vão até a Bolívia num longo caminho rumo à reprodução.

Como a correnteza começou a aumentar, logo o cestinho foi carregado pelas águas até uma baía: grande lagoa, de profundidade variada, abastecida com a água que transbordou do rio. Diante de morros e de imensa baía, o bercinho parecia minúsculo, e acho que seus moradores desconheciam como era o mundo do lado de fora. Como era a Serra do Amolar e a grandiosidade do rio Paraguai! Me contaram que esse rio espetacular é o grande responsável pelas inundações no Pantanal. Nasce tão pequeno, mas depois de colher tanta água de rios menores que encontra pelo caminho vai crescendo até chegar a sua própria vez de abastecer outros e também todo o campo ao redor.

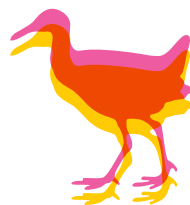
Camalote desce, água corre, vento sopra, ondas se levantam, chuva chega... Chuva? Ah! O ninho vai afundar! Glub! Mas, como disse, a natureza tem seus mistérios e surpresas. Se

deixar, ela encontra seu caminho direitinho. Como o rio Paraguai encontra o dele!

E lá vai o ninho em cama de camalote. Camalote é uma planta comum no Pantanal batizada com esse nome pelos moradores pantaneiros. É também conhecida por aguapé. Essas plantas têm facilidade em flutuar sobre a água. Se estiverem saudáveis, jamais afundam. Tá aí! Isto significa que o cestinho estará seguro porque os pais, de maneira inteligente, o construíram sobre a planta flutuante. E com a vantagem de poder viajar pra longe e os filhotes fazerem seu primeiro passeio embarcados no Pantanal. As águas embalam os camalotes e sua trama de raízes é atrativa para aves, insetos e outros animais que pegam carona para se refugiar, se reproduzir, se deslocar ou encontrar alimento. Camalotes que se prendem na beira do rio formando muitas vezes grandes tapetes vegetais são ótimos locais para garças e socós encontrarem suas presas e conseguirem aquele peixinho que está passeando entre as raízes.

Sons?! E mais sons gorjeantes?! Estridentes, repetitivos e às vezes irritadiços! De quem poderiam ser? Um casal de pequenas aves aparece perto do ninho. Puxa, seriam os pais dos moradores do cestinho? Sim, o casal de curutiés vigia o bercinho. Demoraram a aparecer, hein? Mas certamente estavam vigiando a distância e se alimentando de insetos por aquelas redondezas. Além disso, pode ser que o camalote já houvesse carregado o bercinho para mais longe de onde estavam. O ninho dessa ave, de costas ferrugíneas e cauda espetada, é assim, uma trama de gravetos levados, um a um, pelo casal. Os adultos, eu diria, são aves um tanto assustadas, mas também curiosas e valentes. Ao primeiro sinal de perigo, se põem a denunciar o invasor, saltitando rapidamente na ramaria e emitindo sons de alarme. Com esse comportamento, querem mostrar que o lugar é deles e que estão de olho em tudo.

Agora, do ninho que parecia silencioso saem sons baixinhos, e ficando em silêncio é possível ouvi-los perfeitamente. De longe, se veem duas cabecinhas e enormes bicos abertos aguardando a refeição do dia. Os pequenos curutiés que logo



crecerão e morarão provavelmente às margens daquela baía ou do próprio rio Paraguai têm um paraíso para explorar e se aventurar. É chegada a época dos nascimentos no Pantanal. Lindo presente de Natal!

E não pense que esta é só uma história de jacaré-do-pantanal!

* * *

Maristela Benites, jardineira do estado de Mato Grosso do Sul, começou a admirar as aves desde cedo quando sua mãe, Matilde Benites, de ascendências argentina e paraguaia, contava-lhe histórias sobre as aves. Algumas eram assustadoras, outras nem tanto e bem-humoradas, mas todas cheias de encanto e refletiam bastante a cultura e a história da fronteira entre Brasil e Paraguai, especialmente da região de Porto Murtinho. As histórias tinham um traço especial: as aves se comunicavam em castelhano ou em guarani. Maristela cursou biologia e, mantendo a afinidade com o grupo taxonômico das aves, empreendeu estudos em ornitofauna tanto no mestrado quanto em vários trabalhos desenvolvidos como bióloga. Primeiramente, no ano de 2000, começou a trabalhar como pesquisadora de aves no Pantanal, mais tarde no Cerrado, no Chaco e na Amazônia. Vivência em campo, estudos e pesquisas científicas contribuíram para outra forma de atuação profissional que é a educação. Em educação ambiental, desenvolve atividades com crianças e adultos com o intuito de levá-los a perceber e a valorizar a diversidade de aves e outras espécies que compõem a teia da vida, da qual o ser humano também participa. A literatura pode ser vista como fonte de informação, conhecimento ou entretenimento e representa valioso instrumento para despertar a percepção e as virtudes humanas a partir da linguagem. Sabendo disso, durante cursos, vivências na natureza e demais atividades, o uso de arte literária é aplicada, sempre que possível, a fim de promover reflexão, sensibilidade, e motivar a conservação ambiental. Dedicar e adequar o conhecimento construído ao longo desses anos a uma linguagem compreensível a qualquer público e descrever os momentos inusitados e aprazíveis de observação e convivência com elementos da natureza são alguns dos desejos de contribuição à cidadania. Assim, criar ou contar histórias revela em si uma possibilidade de ciência cidadã ou de educação ambiental, as quais comunicam mensagens sobre a oportunidade humana de conhecer tão maravilhosa biodiversidade existente no planeta Terra e com ela conviver e interagir.







7

O cuco

Cynthia Mazzi

Existo há muito tempo. E o tempo é um círculo. Tempo que feriu minhas engrenagens, tempo que abriu portas para os cupins, tempo que girou meus ponteiros infinitas vezes e outras tantas vezes tentou fazê-los parar. Vivo em função do tempo e em uma guerra contra ele, guerra essa que começou no exato momento em que um relojoeiro habilidoso pôs minhas engrenagens para funcionar pela primeira vez, muitos anos atrás em uma longínqua vila de minha saudosa Itália.

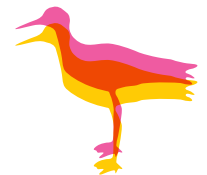
"Madeira de lei", dizia o anúncio pregado sob mim numa vitrine reluzente, seguido de um número muito alto. "Garantimos que funciona para sempre." Para sempre. O sonho de muitos homens que não sabem que a eternidade é um fardo demasiado pesado para se carregar.

Não demorou muito para que o brilho de minha madeira e a precisão simétrica de meus rococós chamasse a atenção de um distinto senhor e sua jovem esposa, para quem fui presente de casamento, "para marcar o início de nosso tempo juntos". Ganhei uma posição de destaque e diante de tamanha apreciação era um prazer sem tamanho aparecer de hora em hora e contemplar suas faces iluminadas pelo júbilo de me ver cantar.

Cuco. Cuco. Cuco.

Lá do alto da sala de jantar da esplêndida mansão, fui testemunha de muitos acontecimentos.

Vi a jovem moça dar à luz três meninas, saudáveis e tão belas quanto a mãe. Vi a tristeza em seus olhos e nos olhos de seu pai ao saberem que o quarto bebê, um menino, nascera órfão e ali, no dia de seu nascimento e sua circuncisão, ficaria marcado para sempre com a culpa imposta de ter levado embora o último suspiro de sua amada mãe. Não demorou para que fosse embora da casa. Assim que pôde, encheu uma maleta com muitos livros e foi para o mundo. Da última vez que ouvi notícias dele, soube que havia morrido de fome numa ilha chuvosa e muito distante, de que eu nunca tinha ouvido falar.



– Uma praga matou todas as batatas e quase todas as pessoas – disse o pai enquanto lia o telegrama diante da farta mesa de jantar.



As belas filhas arranjaram bons casamentos e a mais moça vestiu um hábito e viveu o resto da vida em clausura. Vi a casa se encher de crianças e de vida novamente e com pesar apareci de hora em hora para ver velado o meu amado primeiro dono, com os cabelos brancos e mãos cruzadas em uma caixa de madeira, madeira de lei, tão igual à minha.

Cuco. Cuco. Cuco.

A filha mais velha, seu esposo e seus sete filhos permaneceram na casa por quase um século. Não me lembro exatamente que destino teve cada um deles, mas lembro-me com particular afeto do sétimo menino, que se tornou médico.

Quando chegaram os dias em que as bombas explodiram e aves de metal que nunca tínhamos visto antes cortaram o céu com tamanho ódio e derramaram sobre nós uma chuva de fogo e luto; quando quatro dos meninos se juntaram a tantos outros meninos e se enterraram em ruas rasas cavadas no chão de terrenos marcados por limites imaginários determinados por homens que nunca viram sangue na vida, mas tinham tanto em suas mãos; quando jovens meninos se transformaram em homens ao terem seus uniformes rasgados em arames farpados e segurarem armas que tinham metade do seu peso apontando para outros jovens meninos que não falavam a mesma língua, mas tinham o mesmo coração; quando mães aflitas esperavam o correio e liam os obituários dos jornais todos os dias esperando e ao mesmo tempo rezando para não ter notícias; quando esses dias chegaram, o sétimo menino transformou a bela mansão em hospital. E a casa nunca esteve tão cheia e eu nunca vi tantos meninos delirantes e despedaçados e tantas moças lacrimosas e desesperadas. Em poucos dias, o chão se tingiu do mais escuro vermelho e eu rezava para que minhas engrenagens parassem e eu não tivesse que aparecer para ouvir os gritos e os lamentos.

Cuco. Cuco. Cuco.

Quando as bombas foram embora e a casa deixou de ser hospital e ouvimos que nossa pátria fora determinada vitoriosa por homens de terno sentados em suas belas salas assinando papéis, quando esses dias passaram, o jovem médico foi condecorado e reconhecido por ter devolvido tantos meninos aos braços de suas mães. Recebeu muito dinheiro e prestígio. Era um herói e eu o amava.

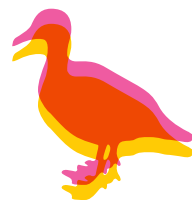
Não demorou muito para que se casasse com uma enfermeira. Só um coração tão machucado pelas dores da guerra poderia ajudá-lo a carregar o fardo de ter um coração tão machucado pelas dores da guerra. Foram felizes, e quando nasceu o primeiro menino o jovem médico finalmente parou de visitar secretamente a sala que outrora fora hospital para chorar em silêncio no meio da noite. Logo, vieram mais filhos e juntamente com boatos de que o país derrotado queria convocar outra guerra e derramar mais sangue para vingar o sangue derramado.

A sala se encheu de homens bem-vestidos, homens de preto e homens de branco. Falavam muitas línguas, mas seus olhos diziam a mesma coisa. O médico estava aterrorizado. Seu primogênito já não era mais um menino.

– Quero lutar pelo meu país – sem compreender que seu pai conhecia a pior parte da luta. Quando ouviu que, no país em que um homem de bigode gritava odiosamente contra o seu povo em uma língua estranha, seus primos bancários foram presos e agora viviam todos como ratos em uniformes iguais com estrelas no peito, soube que era mera questão de tempo até arrombarem sua porta e arrancarem a ele e a sua família de dentro da bela casa.

– América – dizia-lhe um amigo fiel.

– Mas não estão em guerra também? – perguntou-lhe, confuso.





– Não, estou falando de um lugar em que o sol não tarda, em que a natureza é cheia de mistérios que desde os tempos mais remotos o nosso povo não foi capaz de decifrar. Um lugar com uma língua nova e belas poesias. Um lugar em que não há guerra, não há inverno.

Não há inverno.

Pegou a mulher e os três filhos, lançou todos os pertences em um único baú e partiu com a mão cheia de papéis no meio da madrugada.

– Espere – disse à esposa enquanto esperavam na fila diante de um grande navio. – Preciso voltar. Esqueci algo.

Entrou correndo pela sala e com os olhos cheios de lágrimas me retirou da parede com todo o cuidado. Eu sabia que você não ia me deixar, meu amigo.

Fui colocado novamente em um lugar de destaque em uma bela sala em uma bela casa sempre ensolarada. Assisti com prazer à movimentação da casa, da terra, estavam todos se habituando e aprendendo a língua nova. Estávamos felizes e logo ouvimos notícias de que a guerra acabara e que o dobro de meninos morrera e que nosso povo fora quase totalmente exterminado como ratos e que dessa vez nossa pátria fora derrotada. Mas não pensavam mais em voltar. O filho mais moço foi o que se integrou mais rápido, casou-se cedo com uma jovem que conheceu na universidade e que partilhava de seus ideais liberais. Tornou-se jornalista e teve um filho. Tudo estava em paz e alguns anos de calmaria se passaram até que os jornais e o rádio anunciaram que homens de farda agora mandavam no país e não era permitido a ninguém dizer nada a respeito. O médico se preocupou de novo, acreditando que só podia ser amaldiçoado pela guerra e pelo sangue que o perseguiam e chorou copiosamente quando o filho jornalista e a esposa saíram um dia para trabalhar e não voltaram mais. E nunca mais se teve notícia deles.

Cuco. Cuco. Cuco.

Anos mais tarde, meu coração amadeirado se partiu novamente quando tive que ver velado o amigo que tanto amava. O grande herói de guerra, pai amoroso que abandonou tudo e fugiu de sua terra pelo bem da família. Deixara a casa para o neto, que criara como se fosse seu próprio filho quando o pai foi capturado pelo regime. Um último ato de bondade.

O menino logo se transformou num homem, que cresceu longe da medicina e do jornalismo e casou-se com uma moça de olhos pequenos, cabelos longos e negros como a asa da graúna e que exalava um cheiro de mar em calmaria. Eu os amei profundamente porque trouxeram ao mundo a criatura mais adorável que meus olhos tiveram o prazer de ver: Martina.

Sou grato ao universo e à força motriz que rege todas as realidades e a todos os deuses que já existiram e que ainda não de existir porque dentre todas as dimensões de todos os universos possíveis me permitiram habitar no mesmo espaço-tempo que Martina.

Desde o dia em que veio ao mundo, desde o dia em que seu choro estridente invadiu todos os cômodos da casa como os primeiros raios de sol de uma manhã de inverno, eu me esqueci de que algum dia na vida senti dor ou desesperança ou que não fui feliz. Percebi que cada situação, cada passo de minha vida, tinham conduzido para esse momento.

Martina era a soberana que reinava absoluta em minha existência. Você pode até se perguntar o que tinha essa criatura para despertar tal fascínio em um relógio velho como eu, mas grande parte do fascínio vem justamente do fato de não poder ser explicado. Era bela? Sem dúvidas. Era inteligente? Era simpática? Era talentosa? Certamente que sim. Mas nada disso podia explicar meu amor e minha adoração por ela. Martina não podia ser explicada. É como tentar explicar o que é música para um surdo de nascença ou o que é a cor azul para um cego. Ela era uma dessas coisas da vida que você simplesmente sabe que ama. Ela era



única no mundo e por isso eu a amava e isso é o mais perto de uma explicação que consigo chegar.

Ver Martina crescer e se transformar ao longo do tempo foi o maior deleite de minha longa vida. Eu contava os segundos e rezava para que passassem rápido para poder vê-la novamente.

Cuco.

Martina aprendendo a andar e seus pais aplaudindo e chorando enquanto ela mexia rapidamente seus bracinhos e tentava se equilibrar nas pernas recém-descobertas.

Cuco.

Martina correndo com um cachorrinho nos braços, falando e falando com sua voz fina e adorável enquanto a mãe tentava se concentrar no noticiário da TV.

Cuco.

Martina tendo aulas de piano, os olhinhos franzidos e focados em tentar entender os símbolos presos nas linhas miúdas da alvura do papel.

Cuco.

Martina sentada ao lado de um rádio, tentando acompanhar a música em uma língua estrangeira.

Cuco.

Martina chegando em casa com o rosto lavado de lágrimas, que escorreram e caíram sobre seu uniforme. Abraçou a mãe, que a apertou com força e disse muitas vezes que "Vai passar!" e que ninguém morre de amor.

Cuco.



Um jovem sentado na sala ao lado de Martina, revelando a seu pai suas mais puras e retas intenções, que seu único objetivo na vida era fazê-la feliz e que, com todo o respeito, não iria aceitar um não como resposta. Os pais se olharam e olharam de volta para a jovem que suspirava e sorria. Com certa preocupação, consentiram com o namoro.



Cuco.

Martina chorando copiosamente nos braços do noivo, enquanto um policial explicava que, embora a equipe paramédica tivesse feito tudo o que estivesse a seu alcance, o acidente fora muito grave e que não fora possível salvar seus pais.

Cuco.

Martina vestida de branco, linda como nunca, cercada das amigas e primas e cunhadas, que tiravam fotos e a elogiavam e riam enquanto uma senhora as apressava para que não chegassem tarde na igreja. Decidira que ninguém a conduziria até o altar e em vez de um buquê de flores levava um retrato dos pais e algumas lágrimas nos olhos.

Cuco.

Uma cunhada sentada no sofá da sala segurando uma xícara de chá questionando avidamente o porquê de terem decidido adiar as tentativas de terem filhos. Martina sorriu tristemente e disse que não era a hora, que o marido trabalhava demais e que ela trabalhava demais e que agora não seria possível. Eu fui o único que viu sua tentativa de esconder os hematomas do braço com uma camisa de manga longa em pleno verão.

Cuco.

O marido cheirava a bebida e não conseguia se equilibrar e tampouco era capaz de articular as palavras ou organizá-las em frases coerentes. Discutiam violentamente na sala.

Ele cambaleava e ela se aproximou e tentou ajudá-lo a se equilibrar, mas levou uma bofetada violenta no rosto.

Cuco.

Um buquê de rosas, uma caixa de chocolate e um jantar à luz de velas. Martina, com uma mancha roxa no olho esquerdo, estava sentada diante do marido, que chorava e dizia o quanto estava arrependido. Seu rosto machucado era impassível a princípio, mas se rendeu aos apelos do marido e aceitou o perdão e as promessas de um futuro mais feliz.

Cuco.

Tarde da noite e ele volta cambaleando, cheirando a bebida e perfume barato de mulher. Martina o confrontou na sala, estava esperando por ele havia horas. Sentiu o perfume e viu as marcas de batom, a garrafa ainda em sua mão. Se descontrolou e começou a gritar, anunciou que não iria tolerar tamanho desrespeito, que queria o divórcio e que iria embora hoje mesmo. Mal virou-se para sair da sala e ele acertou-lhe a parte de trás da cabeça com a garrafa. Uma, duas, três, quatro vezes, até que a garrafa se despedaçou e espirrou estilhaços vermelhos pelo chão. Sentou-se ao lado do corpo inerte de sua bela esposa e chorou, chorou muito. Passou muito tempo ali e, quando as primeiras luzes da manhã invadiram a sala, começou a despregar as tábuas de madeira do assoalho, enrolou o corpo de Martina em muitas camadas de plástico e tecidos, depositou-a no buraco do assoalho e pregou as tábuas novamente.

Meu coração amadeirado se partiu e tudo o que eu queria era deixar de ser um mísero cuco e me transformar em uma fênix gigante para matar aquele maldito, me consumir em chamas e fazer que minha amada renascesse das cinzas. Mas a dor foi demais para meu pequeno coração e não me movi mais. Congelei meus ponteiros no momento em que a coisa mais preciosa que já tive foi arrancada de mim. Chorei em silêncio por vários dias.



Apenas ouvi as pessoas entrando na casa perguntando por ela. As cunhadas, as amigas, as companheiras de trabalho. Até que um dia, algumas semanas depois, finalmente a polícia apareceu. Uma das cunhadas estava desconfiada. Encontraram o corpo e ele confessou tudo. Foi preso e, se o tempo ainda existe, espero que não seja solto nunca mais.



A bela casa estava vazia e eu estava sozinho pela primeira vez na vida. Fui um presente de um jovem apaixonado, assisti à morte de seu amor e à fuga de seu filho, assisti às alegrias dos filhos de suas filhas e aos esforços de um jovem médico para vencer os horrores da guerra, assisti-lhe cruzar o oceano e chorar ao chegar aqui e perder seu menino para outra ditadura, assisti a um órfão encontrar o amor e presentear o mundo com a criatura mais maravilhosa de que já se teve notícia. Tudo culminou em Martina, tudo levou a Martina. Era inaceitável que ela tivesse sido arrancada de mim dessa forma tão indigna, diante dos meus olhos amadeirados.

Um dia, tiraram-me de minha posição privilegiada da sala de jantar.

— Acha que conseguimos uns trocados por ele no antiquário? Parece bem velho.

Um velho relojoeiro habilidoso tentou me consertar e, após muita resistência, reconheci que apenas suas mãos enrugadas e tão conhecedoras do tempo quanto eu conseguiriam fazer com que minhas engrenagens e meus ponteiros girassem novamente.

Fui colocado na vitrine com um anúncio que dizia "reliquia" seguido de um número muito alto. "Garantimos que funciona para sempre." Para sempre. Esse é meu fardo, esse é o grande e pesado fardo que tenho que carregar. Porque eu já existo há muito tempo. E o tempo é um círculo.

* * *

"Me chamo Cynthia Mazzi, sou estudante de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e atualmente trabalho do Instituto Arara Azul, em Campo Grande. As palavras são minhas amigas mais antigas. Desde que aprendi a ler, criamos um laço apertado e duradouro. Os livros sempre estiveram presentes em todas as fases de minha vida, mas a escrita veio um pouco mais tarde, sempre em visitas mais esparsas e raras. Meu amor pelas aves vem de pequena também, mas ao entrar na universidade se consolidou com o conhecimento científico e assim escolhi minha profissão. Unir as duas coisas foi muito fácil e natural, tendo em vista que os temas 'aves' e 'literatura' povoam 90% das minhas conversas. Escrevi 'O Cuco' enquanto estagiava para o Projeto Arara Azul no Pantanal, cercada das mais belas aves que já vi. O nome da personagem Martina teve inspiração no Martin Pescador, que vi no Pantanal muitas vezes durante minha estada. Em inglês, seu nome é Kingfisher (rei pescador), então quis homenageá-lo dando seu nome à rainha da história."







8

O menino voador

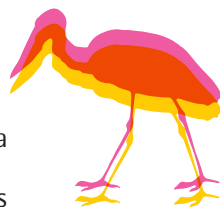
Elismar Santos

A história não conta. Não é interessante falar de uma história que não esteja situada num ponto da própria história. Mas, de fato, aconteceu. Não existia televisão. Ninguém nas redondezas do Sanharó conhecia o pai do avião; nenhum dos sertanejos, homens rudes e incultos, tinha namorado o voo de um avião. Avistassem-no e preveriam o fim do mundo. Não se pode afirmar uma data, nada é possível que se prove, mas os pássaros, com toda certeza, já sobrevoavam o lugar. A vida do homem do sertão era difícil, os tempos eram cruéis, os sonhos eram escassos; a miséria era a companheira do homem do campo.

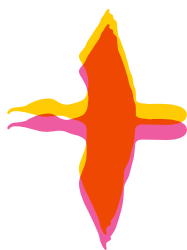
A avó, já beirando o rio da morte, dormia num quarto perto da cozinha; parecia gozar um sono tranquilo, mas ele sabia do seu sofrimento, da sua angústia profunda, da sua imensa vontade de adormecer numa noite estrelada e nunca mais se levantar. O pai, que era um homem bom e trabalhador, alçou voos maiores e foi morar com Deus, junto dos anjos e São Pedro, o seu santo de devoção. A mãe era uma mulher forte; às vezes, ele parava e ficava olhando firme a sua face: parecia velha, cansada, um verdadeiro trapo; eram os restos de uma vida de sofrimento e desencantos. Ela trabalhava na roça, cuidava da casa, cuidava da velha adoentada e todos os dias, ao sair para o trabalho e quando chegava de tardezinha, abençoava-o com um carinhoso beijo na testa.

A casa era velha, pequena e um tanto apertada: dois quartos pequenos, uma sala e uma cozinha; as portas eram escoradas com tocos ou lascas de lenha; o chão de terra batida era sempre coberto de folhas, fumo que a velha quentava na cinza para limpar as dentaduras e titica das galinhas que invadiam a casa em busca de restos de alimento. Desde a morte do velho, nunca mais puderam comer um naco que fosse de carne; passavam por sérias necessidades e a mãe já estava por desistir da vida.

Geraldo era muito pequeno, mirrado, tinha os cabelos negros e uns olhos grandes que transmitiam uma imensa tristeza. Passava todo o dia sentado junto à porta da cozinha observando os pássaros que voavam nas árvores do quintal; eram pardais, papa-capins, pássaros pretos, canários e outros



tantos cujos nomes ele desconhecia. Os papa-capins eram de extraordinária beleza, mas eram os canários que mais lhe chamavam a atenção, gostava de vê-los voando, era como se desfilassem no ar. O menino não era capaz de pensar tamanha comparação, mas, à sua maneira singela de refletir, os canários eram como uns bailarinos a dançarem numa pista de gelo; com leveza, graciosidade; uma arte inimitável.



A mãe acordava antes de raiar o dia, preparava o café, arrumava a casa e seguia para o trabalho na roça. Assim que os pássaros começavam a tocar a sinfonia musical da manhã, o menino se levantava, tomava o seu café e sentava-se junto à porta, onde permanecia até que a mãe retornasse para preparar o almoço. A avó passava o todo o dia deitada, ora desfiando as contas de um velho rosário, ora conversando com os espíritos, contando casos passados havia muito tempo.

Ele gostava de observar o voo das aves, achava-o muito bonito. No começo, quando se entendeu por gente, observava-lhes apenas a beleza dos voos, não pensava, não imaginava, apenas olhava aquela cena como um mero espectador. De uns tempos, porém, uma ideia andava martelando a sua cabeça: por que os pássaros voam? Dai surgiam várias outras questões: Para quê? Para onde? Como... Como é que um bichinho daqueles podia voar tão rápido e numa altura tão grande? Às vezes, parecia que ia enlouquecer, começava a matutar aquelas perguntas e não conseguia mais parar de pensar, até que a sua cabeça doía e ele começava a chorar. Uma grande agonia tomava conta do seu coração, um vazio fazia a barriga doer; o menino sofria, então ele corria e pulava dentro do rio para poder se refrescar.

Geraldo não tinha coragem de contar o que sentia para a sua mãe; quase nunca conversavam de verdade, a não ser quando ela quisesse reclamar ou lhe passar alguma orientação. Um dia, quando a mãe estava para a roça, foi até o quarto da avó; a velha parecia dormir, tinha os olhos fechados e a boca estava semiaberta, como se quisesse roncicar, mas não tivesse ar para completar o movimento; não

lhe saía barulho algum além do habitual ronronar sôfrego que mais parecia um último suspiro. Chegou bem junto da cama, balançou um pouco o abdome da velha e, vendo que estava acordada, perguntou:

—Vovó, por que os pássaros voam?

A avó parecia pensar um pouco antes de responder, se bem que nem mesmo ela sabia. O menino gostava muito da velhinha e a via como a pessoa de maior sabedoria na face da terra, talvez pelos cabelos embranquecidos, talvez por seu rosto enrugado. Ele era muito pequeno e não era ainda capaz de distinguir velhice de sabedoria.

—Ora, meu filho, é porque os pássaros têm pena.

O menino tinha pensado nessa hipótese, mas achava simples demais, ademais, as emas também têm penas e nem por isso são capazes de voar. Mas a avó era muito inteligente e, com certeza, tinha toda a razão.

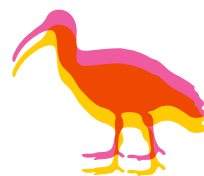
— Quer dizer então que se eu pegar umas penas e colar no meu corpo eu também posso voar?

A velha não tinha ideia de como responder àquela pergunta do neto. Nunca tinha pensado no assunto. Talvez, pudesse dar certo, mas por que então as galinhas não voavam? Quem sabe, pudesse haver uma técnica especial, ou talvez só servissem penas de passarinho voador...

— Olha, meu filho, qualquer um pode voar. É a coisa mais fácil que existe, basta ter técnica e usar asas de passarinho, que são mais leves e tão fortes quanto as penas de galinha.

— Será que palha de arroz serve, vovó?

Mais uma vez, a velha não sabia o que responder. Virou a cabeça para o lado e começou a pensar; nunca tinha pensado nesta hipótese, nunca tinha pensado em gente voando como passarinho. Tentou imaginar duas asas



de palhas de arroz, uma armação de arame, um saco de estopa, linhas fortes...

– Pode ser. Eu acho que aguenta...

Antes que ela pudesse terminar, o menino saiu em disparada para o quintal. Tinha de começar os preparativos; logo, se conseguisse todo o material que de precisava, faria o seu primeiro voo e poderia sentir a mesma liberdade que os pássaros sentem.

A mãe estranhou quando, ao chegar da roça, não avistou o menino sentado junto à porta; perguntou à avó sobre o seu paradeiro, ela disse não saber de nada, a cabeça andava fraca e nem mesmo o que havia se passado havia cinco minutos a velha seria capaz de recordar. Já era noite quando o menino apareceu em casa. Ao ser indagado pela mãe sobre o seu desaparecimento, disse que tinha passado todo o dia na beira do rio inventando e que no outro dia teria que voltar para que ele lhe ensinasse algumas técnicas. A mulher não entendeu nada do que o filho queria dizer, mas despreocupou-se, eram apenas maluquices de criança.

Durante os dois dias seguintes, os fatos se sucederam: o menino saía de casa pouco depois que a mãe seguia para o trabalho. No primeiro dia, tratou da construção das asas; nos outros, repetia a mesma cena: corria batendo os braços, como se fossem asas e pulava no rio. Era uma tarefa árdua, mas ele sabia que a recompensa logo chegaria.

Finalmente, o grande dia havia chegado. Pegou as asas e com elas sobre os ombros seguiu para casa. Era domingo, e a mãe não trabalhava. Queria fazer-lhe uma surpresa. Chegou na ponta dos pés, escondeu as asas a um canto da parede, sentou-se junto à porta e pôs-se a observar a paisagem. Não dava para pular de nenhum lugar, a não ser que saltasse da mangueira, mas de lá não poderia correr, tomar impulso. Geraldo ficou algum tempo pensando, até que chegou à conclusão: "É de lá que os pássaros voam, sem correr, sem ter qualquer força para impulsioná-los." Pegou novamente as suas asas, vestiu-as e com toda a



dificuldade subiu a mangueira até o galho mais alto da árvore. Sentiu um friozinho na barriga, estava com medo, mas pensou na alegria que a sua mãe sentiria ao vê-lo voar, pensou na liberdade que, até aquele momento, somente os pássaros desfrutavam.

Antes de pular, com as asas nas costas, gritou por sua mãe, que estava na cozinha e pediu:

– Bença, mãe!

A mãe não teve nem tempo de abençoar o filho.



Elismar dos Santos Alves é formado em Letras-Português pela Universidade Estadual de Montes Claros e trabalha atualmente na Escola Estadual Cristino Alves de Jesus, em São João da Lagoa. Antes de se formar professor, trabalhou como vendedor de biscoitos, engraxate, servente de pedreiro e locutor de rádio.

*Casado com Maria Mercês Silva Afonso, Elismar é pai de Deborah Rayane, Maria Vitória e Elismar Júnio. O autor encontra na família, e em todas as situações de sua vida, a fonte de inspiração para todos os seus contos, romances e poesias. Em 2003, Elismar Santos publicou o livro de poesias *Mutação*, um sucesso de crítica e de venda; em 2010, publicou, com grande êxito, o romance *Sanharó*; em 2013, publicou o livro de poesias *A pá lavra*; e em 2017 publica o livro de poesias *O poeta e suas lavras*.*

*Em 2013, o poeta teve o seu poema "O Anoitecer" selecionado para a antologia *Poética Portal Amigos do Livro*, da editora Scortecchi e no mesmo ano foi contemplado com o Prêmio Construtores do Progresso. Em 2016, ajudou a fundar a Academia de Ciências, Letras e Artes de Coração de Jesus, onde ocupa a cadeira n.º 4, cujo patrono é Antônio Salles.*

O poeta encontra nos livros uma forma de contar a realidade e contar-se ao mesmo tempo; o convívio com a natureza é uma constante na vida do autor. Residindo em São João da Lagoa, pequena cidade no norte de Minas, com cerca de 5 mil habitantes, tendo a lagoa como principal ponto turístico da cidade e muitas árvores espalhadas pela urbe, transformando-a num grande viveiro natural, é impossível o não convívio com os pássaros. Indubitavelmente, as aves, de forma natural, tornam-se grande mote para as construções poéticas e prosaicas do escritor, misturando-se ao cotidiano, sem que seja possível divisar a visão da natureza das conotações literárias, criando, assim, uma incontestada poesia.



O pardal

Daguito Rodrigues

Enterrei minha mãe. Não posso e não quero dizer que enterrei minha mãe, mas eu enterrei minha mãe. Normal, quando falo assim, quando digo essas palavras erradas que por tanto tempo procurei esconder, pode parecer que eu peguei no cabo da enxada com esse fim, cavei uma fossa, joguei o corpo, cobri de terra escura e demarquei com um crucifixo artesanal ou uma lápide ou uma simples flor de jasmim. Não. Mas eu enterrei minha mãe. Estive na sala de espera do hospital, no quarto do hospital, no refeitório do hospital, na copa do hospital, no banheiro do hospital, no elevador do hospital, no estacionamento do hospital, no jardim do hospital, na calçada do hospital, na padaria da esquina do hospital. Muitas vezes. Por muito tempo. Não me digam que eu não enterrei minha mãe. Eu enterrei minha mãe. Estive no velório. Estive no cortejo. Estive no cemitério. Estive no funeral. Estive em casa depois do enterro. E essa casa ainda está em mim. Um lugar para onde tenho ido a cada ano cada vez menos. Uma cicatriz de paredes e janelas, que de tempos em tempos ainda sangra como é natural meus olhos sangrarem também. Mais salgado que o amargo que escorre daqueles quartos e salas.

Dói encontrar aquele lugar vazio de risadas, pobre de tecidos coloridos, órfão do aroma dos produtos de limpeza ou dos pratos com alecrim. Pode parecer banal, minha mãe foi obcecada por desinfetantes e desengordurantes. Era abrir a porta e sentir o perfume de lavanda ou limão. Casa limpa. Uma casa cuidada por minha mãe, para o filho e para o casal. Mesmo com empregada, desfilava com vassouras, panos, aspirador de pó e avental, para lá e para cá. Deslizava pelos cômodos mexendo e remexendo cada objeto, cada enfeite, cada louça de cristal, cada souvenir que trouxe dos lugares para onde ia acompanhando as viagens de trabalho de meu pai, cada porcelana herdada de minha avó ou de outro ancestral, cada porta-retratos do casamento, das viagens ou de quando eu era apenas um bebê de colo. Cada um deles. Eu costumava mover alguns sem seu aval e lá vinha ela remexer. Eu movia de novo e mais uma vez ela surgia para rearranjar. Eu podia passar a tarde toda desarrumando o arrumado que ela sempre vinha colocar uma ordem que só ela entendia. Eu testava.



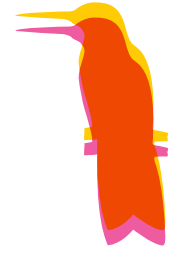
Meio milímetro do castiçal para a esquerda. Ela percebia e recolocava no lugar. Precisa.

Estive nessa casa depois do enterro. Não quis mover nenhum objeto. Só ela saberia arrumar no lugar exato. Até a primeira faxina. Foi brutal quando vi, encostado no batente da porta do corredor, cada um dos objetos ser levantado e recolocado, todos milimetricamente errados. Fora de seus lugares, fora do lugar determinado por minha mãe. Eu não sabia a disposição correta, mas enxergava cada uma das erradas. Foi logo no dia seguinte ao enterro, menos de vinte e quatro horas depois. E a casa já não era mais dela, nem minha. Nossa história como família, como mãe e filho, chegava a seu final.

A casa onde estive depois do enterro. A casa onde enterrei minha mãe.



Eu escrevia muito naqueles anos, minha época mais produtiva. Talvez pela falta de referências, talvez pela abundância de tempo, escrevi muito em papéis vazios com frases preenchidas de ambiguidade e ignorância. Naquele dia, minha mão calou. O dia em que enterrei minha mãe. O lápis, tão falante quanto minha tia em dias de festas, silenciou dormente sobre a mesa. Foi minha memória quem trabalhou. Deitado na cama, com a casa adormecida, a casa onde enterrei minha mãe, desenhei no teto as frases escritas por minha mente perdida. A solidão da madrugada é fundamental, é minha musa. E pensei no quanto a perda de minha mãe refletiria em minha nova vida. Uma rotina sem telefonemas ou mensagens, sem mandos ou desmandos, sem a mágoa por ver o filho que cresce, o filho mais adulto a cada dia, menos filho e mais gente, menos seu e mais de todo o resto. Às vezes, penso na dor das mães que veem um pedaço de sua própria carne ser distribuída por restaurantes e churrascarias espalhados pelo mundo, caindo em bocas e mãos que não são as delas, isoladas em suas próprias casas, sem ao menos poder salgar no ponto certo, assar no ponto certo, servir no ponto certo, cuidar para que nada desse errado. Sozinhas em suas casas. Como a casa onde enterrei minha mãe.



A casa dos jardins floridos, das orquídeas e primaveras, do rosasal invejado pelas vizinhas, das cores aromatizadas, dos beija-flores e dos pardais. A casa que tinha uma casa para os passarinhos. De madeira e telhado vermelho, pousava perto das árvores, no canto, ali ao lado do varal, em meio às plantas. A casa que não era nossa ficava na casa onde enterrei minha mãe. As duas eram dela por direito. Era ela quem colocava pedaços de fruta, era ela quem abastecia o bebedouro dos beija-flores. Geralmente, eles vinham. Água sem açúcar. Me explicou que os grãos podiam entupir a garganta dos passarinhos. A gente não queria um beija-flor morto no jardim, o lugar era vivo demais para isso, alegre demais. Colorido como poucos, igual a nossa casa.

Quando brincava de carrinho no quintal, às vezes largava o Fusca e a caminhonete para observar minha mãe e aqueles pássaros. Só não fugiam dela. Era como se fossem um também, sempre presentes, sempre leais. Água e comida; amor também. Uma ave sem penas, sem asas, daquelas que ficam sempre no mesmo local, que não migram e não mudam, que por instinto estão sempre em torno do ninho. A cumplicidade era total, foi ideia dela colar fitas nos vidros das janelas da sala para que os pássaros enxergassem o vitral.

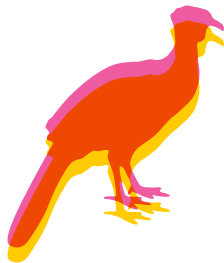
No dia em que enterrei minha mãe, encontrei um pardal morto no jardim. Olhos abertos, bico escancarado, um defunto. As fitas nos vidros foram em vão, morte acidental. Cavei um buraco na terra, cada unha escura e cada digital marcada pela cor marrom. Coloquei o corpo no buraco com cuidado, enrolado num jornal. Cobri. Fiz um crucifixo de gravetos e uma reza católica, quase um ritual completo, com sinal da cruz e tudo. Levei uma bronca de minha tia, um puxão de orelha. Como assim uma cerimônia para um animal? Sujei a roupa formal do dia do enterro de minha própria mãe. Camisa polo abotoada e calça de sarja, visual preto. Pelo menos, não fiquei de castigo, só sentei no sofá e observei toda aquela gente de papo cordial. Faço um esforço mental para me lembrar de cada um deles, mas são apenas vultos, bocas murmurantes e dedos que apertavam minhas bochechas. Carinho que para mim era mais que infernal.

Enterrei um pardal no dia do enterro de minha mãe.

Eu enterrei aquele pardal.

* * *

Daguito Rodrigues é estranho. Santista de nascimento e corintiano de coração, foi repórter da Folha de S.Paulo, diretor de criação na agência Publicis Brasil e acertou só três números da Mega-Sena. Por enquanto. Além de escritor, é roteirista e redator publicitário. Participou dos roteiros de alguns curta-metragens e séries, além de ter dirigido o próprio curta em 2003. Vive também de música e estrada. Já foi premiado nos principais festivais de publicidade e criação do mundo, como Cannes, D&AD, Clube de Criação, Prêmio Abril, entre outros. Foi selecionado para projetos dos quais se orgulha muito, como o Núcleo Experimental de Cinema do MIS-SP e o Clipe – Curso de Preparação de Escritores, da Casa das Rosas. Com mais de três décadas de vida, ainda se questiona o que veio fazer neste mundo. Não sabe por quanto tempo vai esperar uma resposta. É sobrinho de um criador de aves de Santos. Mantém o blog daguitorodrigues.com e já venceu alguns concursos de contos, com textos publicados em antologias com outros autores. Quer muito que você leia o primeiro romance dele, Vozes na rua (editorakazua.com.br, 2016), e que mande uma mensagem dizendo o que achou. Ele promete responder.





10

Como surgiu o vermelho das aves

Fernando C. Straube

Dizem os ornitólogos mais habilitados que a cor vermelha das aves provém de substâncias chamadas carotenoides, que são obtidas da alimentação. Isso faz muito sentido mas, pelo que sei, a história não é bem assim.

Antigamente, todas as aves eram brancas. Uma vez que elas podiam voar e assim chegar perto do céu, precisavam estar sempre impecáveis e sem uma única mácula na vestimenta. O contraste alvo contra o azul do firmamento, meio que dissimulado com os flocos brancos das nuvens, agradava a todos os outros animais que, presos ao chão, deleitavam-se com a beleza do espetáculo das revoadas.

Por muito tempo, elas se satisfizeram com aquela condição. Afinal, se podiam alçar voos e expressar publicamente seu máximo dom de liberdade, por que razão iriam querer ainda mais?

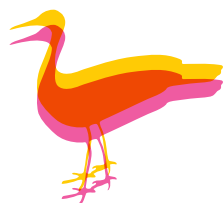
Mas, entre elas, a ema não era nada feliz. Sem poder voar e com aquela ausência de cor e viço, logo foi enjoando. Foi assim que aproveitou sua condição para tomar a frente nas negociações:

– Por que não podemos trajar as multicores das flores e especialmente das borboletas, que também voam?

– Seu discurso, convenhamos, foi bastante convincente. Em pouco tempo, todas as aves se mostravam descontentes e todas, ou quase todas, decidiram que precisavam inovar. Passaram a não mais suportar aquela monotonia, bela aos olhos dos outros, mas profundamente entediante para elas mesmas.

Muitos pássaros começaram a se esfregar nas folhas e nos musgos – ficaram verdes. Alguns procuravam o marrom dos troncos, nos quais roçavam as costas e as caudas. O mais criativos passavam líquens sobre a plumagem, dando-lhe um padrão lindamente variegado. Outros ainda se expunham ao luar, tomando o azul celeste em suas penas. E houve até os que exageraram na exposição ao sol: ficaram pretos por completo!





De uma hora para outra, aqueles vultos alvos que cruzavam os céus começaram a parecer pequenos pedacinhos de papel colorido, como se tivessem surgido a partir de fragmentos de um arco-íris explodido.

Porém, ainda faltava o vermelho! Era uma cor muito rara, da qual já haviam ouvido falar, mas nunca viram de fato. Todos estavam intrigados e ao mesmo tempo passaram a observar uns aos outros, atentos para qualquer novidade que pudesse surgir. Não demorou então para que sentissem falta do bico-de-brasa, que por uns instantes desapareceu de seu poleiro habitual de onde adquirira a cor fosca de carvão.

Eis que ao retornar, todo orgulhoso e cheio de si, ele agora se encontrava com o bico todo rubro, viçoso e brilhante, o que chamou a atenção de todos:

– Como conseguiu essa proeza? Como chegou à cor do fogo? – perguntaram alguns.

Mas o bico-de-brasa, egoísta, quis guardar só para si o segredo e negou-se a revelá-lo. Queria exclusividade, porque naquele momento se tornara uma ave muito popular e, portanto, transformara-se em algo bem diferente daquele que se resumia a ficar cantando lamentoso, dia após dia, chamando a chuva.

Só que aquele sigilo todo não tardaria a ser revelado.

Certo dia, o guará decidiu descobrir. Passou a seguir disfarçadamente o bico-de-brasa por todo os lugares aonde ele ia, sempre com a cabeça baixa e, apesar disso, firme em seu propósito. Em seu desempenho quase teatral, fazia de conta que estava em busca de pequenos animais da lama, mas sempre com a atenção voltada para seu objetivo.

Até que, por mero caso, conseguiu o que queria. Em uma beira de mata, flagrou claramente o disfarçado pássaro enfiando seu bico em uma cesta cheia de urucum. Estava revelado o grande mistério!

Ansioso, porém mantendo toda a calma do mundo, o guará esperou o companheiro ir embora e impetuosamente se jogou inteirinho dentro do recipiente, deixando apenas o bico de fora para respirar e a ponta das asas para que pudesse sair dali com segurança. Ao retornar para casa, sob aplausos das outras aves, contou a todos o que havia ocorrido e também onde se encontrava aquela preciosidade.



Só que, como sabemos, os passarinhos não têm nada de parcimônia. Não perdem tempo para nada. Passam suas vidas voando e correndo para lá e para cá, descem ao chão, ciscam e pulam de galho em galho, como se o mundo fosse acabar amanhã. Por causa disso, a divulgação da novidade acabou por se converter em uma confusão geral.

Os primeiros a sair em debandada foram o príncipe, o sanhaço-de-fogo, os tiês-de-bando, algumas araras e, claro, os machos do tié-sangue, que, sem nenhuma demonstração de cavalheirismo, passaram à frente das fêmeas!

Em pouco tempo, formou-se uma enorme fila junto ao recipiente que continha o mágico pigmento, ao tempo em que — um a um — vários pássaros iam ali se banhando.

Mas o urucum não iria dar para todos e logo foi se acabando. Foram espertos aqueles que notaram que havia sobrado um restinho no fundo do cesto. Passaram então a pintar apenas certas partes do corpo e, educados, ficaram felizes por deixar que os demais pudessem ter algo de rubro em suas plumagens.

O urubu-caçador, o pica-pau-rei e o cardeal foram logo enfiando toda a cabeça na tintura. A seriema, sempre espalhafatosa, entrou no cesto com as duas pernas e também pôs o bico inteiro. O surucúá, para imitá-la, tentou fazer o mesmo, mas suas pernas eram muito curtas e acabou pintando apenas a barriga.

Muitos, como os mutuns-cavalos, os frangos-d'água e os bicos-de-pimenta, se satisfizeram mergulhando somente o bico na solução; a tiriba, cuidadosa, apenas a ponta



da cauda; e o anacã, sem esperar que a tinta secasse, chacoalhou-se todo, adquirindo uma cor variegada.

Já que quase não havia mais urucum, o tangará decidiu usar a tintura apenas na cabeça, ficando muito satisfeito com o resultado. Entre os últimos, estava o tié-preto, que pôde apenas fazer um risquinho no alto do topete, que ficou meio escondido, porém suficientemente notável em ocasiões especiais. O formal tuiuiú, por sua vez, contentou-se com uma gravata vermelha, mas, como era muito alto e estabonado, deixou respingar um pouco sobre as costas do guaxe e as asas dos papagaios.

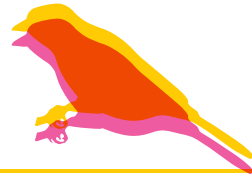
Os derradeiros de fato foram o colhereiro e o flamingo, que, ao notarem que não mais podiam se pintar de vermelho, apressaram-se em adicionar um pouco de água ao cobiçado corante e, assim, se banharam na tinta já rósea.

Os albatrozes e petréis, que estavam em alto-mar, e as batuíras, que já se encontravam em plena migração, apesar de tomarem conhecimento da grande descoberta pouco puderam fazer e não conseguiram chegar a tempo. O mesmo aconteceu com os inambus, que, com suas perninhas curtas e seu andar prevenido, acabaram perdendo o evento. Das corujas e dos bacuraus, coitados, nem se fala! Estavam dormindo e nem sequer souberam o que havia acontecido naquele inesquecível dia em que o vermelho apareceu nas penas das aves.

* * *



Fernando Costa Straube descobriu ser um observador de aves quando tinha 15 anos, quando já usava apenas camisetas verdes. Cursou Biologia, mas nunca terminou o curso porque sempre havia uma viagem para ser feita. Ao longo de sua vida, participou de grupos que oficializaram listas de espécies ameaçadas de extinção do Brasil e do Paraná e também de aves-símbolos de vários municípios. Contribuiu com várias iniciativas para a conservação e com a divulgação da observação da natureza, em especial dos pássaros (incluindo as outras aves). Sempre se gaba de ter observado a ararinha-azul em liberdade e gravou o caburé-da-amazônia antes de ele ser descrito pelos cientistas, mas assume não saber identificar Elaenias. Trabalhou em museus de história natural e escreveu, para os cientistas e leigos, muitos artigos e livros, dentre os quais um sobre a coleção que fez das folhas do jardim da casa de sua avó em Rio Negro(PR), do qual ele muito se orgulha. Foi homenageado como nome de um caramujo que vive na Serra do Mar, metáfora de seu próprio jeito de trabalhar: devagar se vai ao longe! Hoje, dedica-se a escrever tudo o que aprendeu, assim como a observar a avifauna do jardim de sua casa e, claro, ao cargo de diretor técnico da Hori Consultoria Ambiental.



Organização

Erika Higt-Zaher

Guto Carvalho

Comissão Editorial

Carlos Fioravanti

Erika Higt-Zaher

Filipe Doutel

Fred Dentello

Guto Carvalho

João Quental

José Eduardo Camargo

Luciano Lima

Autores

Artur Oliari Lira

Cynthia Mazzi

Daguito Rodrigues

Elismar Santos

Fernando C. Straube

José Flavio de Freitas

Luciana Leite

Maristela Benites

Roberto Márcio Pimenta

Sonia Regina Rocha Rodrigues

Preparação de originais e revisão

Léo Nogueira

Projeto gráfico

Ilana Tschiptschin

Núcleo de produção técnica

AvistarBrasil agradece às centenas de autores que se dedicaram a escrever e enviar seus textos ao 1º Concurso Avistar de Literatura.

